

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA DIURNO

BIBIANA PASSINATO PIOVESAN

MAL-ESTAR DOCENTE: UM OLHAR PARA O PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO

Santa Maria, RS
2022

Bibiana Passinato Piovesan

MAL-ESTAR DOCENTE: UM OLHAR SOBRE O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Pedagogia Licenciatura Plena, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de Pedagoga.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Doris Pires Vargas Bolzan

Santa Maria, RS
2022

AGRADECIMENTOS

Partilhar a vida, momentos, estar junto das pessoas que nos amam, nos apoiam e nos incentivam, faz com que a caminhada se torne mais leve. Seja no convívio ou no pouco contato, vivenciar isso, constitui a diferença. Assim, essa escrita teve a honra de muitas pessoas construírem ela, fazer parte de um processo para além do acadêmico e obrigatório, um processo de crescimento pessoal e profissional. Dessa forma, são para eles que dedico estes agradecimentos.

À Universidade Federal de Santa Maria e a sua assistência estudantil, que durante este tempo de graduação possibilitou que eu tivesse acesso a moradia, refeições, atendimentos médicos, psicológicos e ortodônticos gratuitamente, sem isso, certamente não poderiam estudar.

À minha orientadora, professora Doris, dona da minha admiração. Sou extremamente privilegiada por poder aprender contigo, te escutar e poder dividir um pouco dessa trajetória. Minha gratidão pela confiança e por tantas aprendizagens.

Aos meus pais André e Luciana, e meus irmãos, pilares fundamentais, fontes de inspiração e apoio, para que a tão sonhada faculdade na Universidade Federal fosse alcançada.

Aos meus familiares, por me acompanharem mesmo à distância, prestando todo apoio, suporte e carinho, em toda minha caminhada acadêmica.

Ao meu companheiro, de vida e caminhada, Gregorio, por me auxiliar, acreditar e estar ao meu lado, em todos os momentos, motivando e preparando bons mates para a escrita.

Ao meu companheiro acadêmico, Henrique, que dividiu comigo tantas histórias e sempre, apoiou e contribuiu, para que esse momento estivesse acontecendo.

Ao GPFOPE, fonte de energia e aprendizagens, risadas e experiências, compartilhadas. Em especial, as bolsistas, que conviveram comigo, compartilhando de ideias, pensamentos, sugestões, bons cafés e chás.

À professora Marilene Gabriel Dalla Corte, por aceitar o convite para ser banca deste estudo, qualificando e contribuindo, para que siga sendo pensado e desenvolvido.

As professoras colaboradoras desta pesquisa, que permitiram que esse estudo se concretizasse e se tornasse possível. Muito obrigada pela confiança, pelas conversas e ajuda para pensar acerca da temática.

À todas as pessoas que fazem parte da minha história, torcem, incentivam e celebram com cada conquista e passo dado.

O meu mais sincero, muito obrigada! Sou extremamente privilegiada, por ter cada um na minha caminhada.

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	08
1.1	INSERÇÃO TEMÁTICA	11
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1	ENSINO SUPERIOR E UNIVERSIDADE PÚBLICA	20
2.2	FORMAÇÃO DOCENTE	22
2.3	MAL- ESTAR.....	23
3.	METODOLOGIA	29
3.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	29
3.2	TEMÁTICA	29
3.3	OBJETIVO GERAL DA PESQUISA	30
3.3.1	Objetivos específicos	30
3.4	CONTEXTOS E SUJEITOS DA PESQUISA.....	30
3.5	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	32
3.6	ASPECTOS ÉTICOS	33
4.	PROCESSO INTERPRETATIVO.....	34
4.1	ACHADOS DA PESQUISA: PROCESSO INTERPRETATIVO	36
4.2	TRAJETÓRIAS FORMATIVAS	36
4.3	ATIVIDADES DA DOCÊNCIA	42
5.	EIXO TRANSVERSAL: MAL-ESTAR DOCENTE EM DESTAQUE ...	46
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERENCIAS	55
	ANEXOS	59
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO	59
	ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO	61
	ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO.....	62
	ANEXO D – CRONOGRAMA	64
	APÊNDICES	67
	APÊNDICE A – ENTREVISTA.....	67
	APÊNDICE B – QUADRO UTILIZADO PROCESSO	
	INTERPRETATIVO	69
	APÊNDICE C – QUADRO TÓPICOS-GUIAS.....	83

RESUMO

MAL-ESTAR DOCENTE: UM OLHAR SOBRE O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

AUTORA: Bibiana Passinato Piovesan
ORIENTADORA: Doris Pires Vargas Bolzan

O estudo aqui proposto traz a possibilidade de uma investigação sobre os professores do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, onde se localiza a formação de futuros professores. O impacto do mal-estar docente dentro da iniciação à docência pode ser um fator para se ter atenção redobrada, pois os futuros docentes das redes públicas/ privadas, seja na educação básica ou superior, estão sendo formados agora e na universidade. Este estudo tem como foco o mal-estar docente, investigando e aprofundando como a significativa degradação das condições do exercício da docência tem afetado o trabalho pedagógico. A pesquisa tem como objetivo geral compreender, na contemporaneidade, como o mal-estar do professor universitário se faz tão presente no trabalho docente. Como objetivos específicos, reconhecer a trajetória profissional dos professores universitários na perspectiva da atividade docente; refletir sobre como o mal-estar docente afeta a atividade do professor universitário. A caracterização do mal-estar docente, segundo Esteve (1992), refere-se aos efeitos negativos das condições da profissão docente sobre a personalidade do professor. Por ser um conceito amplo integra outros conceitos mais específicos, a insatisfação, o desinvestimento, a desresponsabilização no contexto do trabalho docente, o desejo de abandonar a docência, o absentismo, o esgotamento, a ansiedade, o estresse, a neurose e a depressão. Desta forma, para compreender o processo de transformação dos sujeitos envolvidos na pesquisa escolheu-se abordagem sociocultural, de cunho narrativo, por se tratar de um tipo de “estudo qualitativo que comporta uma análise que centra sua atenção nos processos de construção coletiva, considerando a subjetividade do sujeito” (BOLZAN, 2002, p.70). Por meio das narrativas, é possível estabelecer trocas entre pesquisador e entrevistado, favorecendo o processo de reflexão e transformação dos sujeitos ao longo do diálogo. Este caminho permitiu conhecer os principais desafios enfrentados pelos docentes no contexto da universidade pública, assim como, refletir sobre como o mal-estar docente, afeta a atividade do professor. Considerando as dimensões exploradas no estudo e o eixo transversal, é possível afirmar que o professor precisa de um espaço institucional no qual ele possa desenvolver uma cultura de colaboração e compartilhamento, mitigando a solidão pedagógica e promovendo sentimento de bem-estar, de escuta e cuidado, que vai refletir por consequência no seu contexto educacional, retroalimentando, motivando e potencializando, o ambiente de trabalho. Desta forma, podemos pensar sobre as questões relativas ao adoecimento docente e elencar possibilidades de modo a atenuar o adoecimento deste profissional, ressaltando que este estudo não é definitivo e, sim, uma micro compreensão que traz a possibilidade de ser aprofundada.

Palavras-chave: Docência. Educação Superior. Mal-estar.

ABSTRACT

TEACHER DISEASE: A LOOK AT THE UNIVERSITY TEACHER

AUTHOR: Bibiana Passinato Piovesan

ADVISOR: Doris Pires Vargas Bolzan

The study proposed here brings forward the possibility of an investigation about a group of teachers from the Federal University of Santa Maria Education Center, where the formation of future teachers takes place. The impact of the teacher's malaise within the teaching initiation may be a factor to have redoubled attention, since future teachers of the public/private networks, whether in basic education or higher education, are being trained now, on our university. This study has as focus the teacher's malaise, investigating and deepening how the significant working conditions degradation has impacted the pedagogical work. The general objective of this research is to understand the malaise of the university professor, which is present in the daily teaching work; as specific objectives, it was sought to recognize the university professor's professional trajectory, having as perspective the teaching activity. The characterization of teacher malaise, according to Esteve (1992), refers to the negative effects of the teaching profession conditions over a teacher's personality. Since it is a broad concept, it includes other more specific concepts, such as dissatisfaction, disinvestment, unaccountability in the teaching work context, the desire to abandon teaching altogether, absenteeism, burnout, anxiety, stress, neurosis and depression. Thus, to understand the transformation processes of the individuals involved in the research, the sociocultural approach was chosen, as it is a type of qualitative analysis that focuses its attention on the collective construction of processes, considering the subjectivity of the individual" (BOLZAN, 2002, p.70). Through the narratives it is possible to establish exchanges between researcher and interviewee, supporting the process of reflection and transformation of individuals throughout the dialogue. That way allows us to know the main challenges faced by professors within the public university, as well as to reflect about how the teacher's malaise affects the professor's work. Considering the dimensions explored in the study and the transversal axis, it is possible to state that the teacher needs an institutional space in which he/she can develop a culture of collaboration and sharing, mitigating pedagogical loneliness and promoting feelings of well-being, of listening and care, which will reflect consequently in their educational context, feeding back, motivating and enhancing the work environment. In this way, we were able to think about the issues related to teacher illness and list possibilities in order to mitigate the illness of this professional, emphasizing that this study is not definitive, but rather a micro-understanding that brings the possibility of being deepened.

Keywords: Teaching. Higher Education. Uneasiness.

1. APRESENTAÇÃO:

O término do ensino médio, no ano de 2014, trouxe várias incertezas sobre quais caminhos eu deveria percorrer. Meus pais sempre me incentivaram a entrar na faculdade, mas por ter dúvidas em qual área atuar, ter me acomodado na rotina do trabalho, fui adiando este desejo que era deles, mas também meu. Estes anos foram muito turbulentos, trabalhei em uma Clínica Veterinária e amava o que fazia, chegando a pensar que aquele era o meu lugar e aquela era a carreira que eu gostaria de seguir.

Iniciei um curso pré-vestibular e continuei trabalhando na clínica, conciliando os estudos e os afazeres que eram de minha responsabilidade, no cargo que ocupava. Em 2017, ingressei na Universidade Federal de Santa Maria no curso de Pedagogia Licenciatura Plena, com o propósito da docência, tendo como grande inspiração meu pai, professor de Filosofia formado pela UFSM.

A Pedagogia me apresentou logo no início do curso, diversos destinos que poderiam ser seguidos, mostrando o quão grandes são as áreas de atuação que a profissão possibilita. No mesmo ano em que entrei no curso e na instituição, fui bolsista no Setor Educacional/ Classe Hospitalar do Hospital Universitário de Santa Maria, atendendo crianças da Hemato-oncologia e da Pediatria. Essa atuação exigiu novas formações, pois é um espaço com muitas especificidades. Além disso, trabalhar com crianças, nesse ambiente, requer mais do que um olhar sensível, demanda a vivência em situações limites, como a perda de alguns alunos para o câncer e outras doenças. Com a troca de gestão do HUSM e a aposentadoria da coordenadora do setor, ele acabou sendo fechado, fazendo com que eu deixasse de ocupar aquele lugar, procurando outra área de atuação.

Por meio de um novo edital da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, candidatei-me a ser bolsista para atuar em turmas multietárias, com uma proposta pedagógica de desenvolvimento integral das crianças, centrada no brincar, nas interações e no protagonismo infantil. Durante dois anos atuei como bolsista da Unidade, acompanhando formações e estudos acerca deste projeto.

No quinto semestre, no ano de 2019, fui apresentada as cadeiras de Processos de Leitura e Escrita A e B, com a professora Doris Pires Vargas Bolzan, despertando minha curiosidade pelos estudos na área. Ao longo do semestre, conversei com a

professora sobre o grupo de pesquisa que ela coordena, demonstrando meu interesse em participar. Decidi, então, me candidatar à bolsa para atuar no Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas: Educação Básica e Superior (GPFOPE).

Acompanhar o GPFOPE fez com que eu me envolvesse com outros projetos que permeiam o grupo, mais especificamente a pesquisa intitulada *Docência e processos formativos: estudantes e professores em contexto emergentes*¹, o qual acompanhei as entrevistas e a interpretação, dos achados.

Atualmente, sou bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que tem como foco aprofundar a compreensão relativa à docência e os processos formativos dos estudantes e professores formadores das licenciaturas, e professores em formação continuada na educação básica em contextos emergentes.

Levando em consideração as falas dos professores participantes do projeto mencionado, é latente o impacto das exigências e demandas profissionais na vida pessoal, um indicador ascendente no processo de adoecimento entre os docentes nas últimas décadas. Esse estresse que acomete os professores é considerado pela Organização Internacional de Trabalho (OIT)² não somente como um fenômeno isolado, mas um risco ocupacional significativo da profissão, na qual desde 1983, a classe docente é a segunda categoria profissional, em nível mundial, a portar doenças de caráter ocupacional.

Estas narrativas dos participantes despertaram, em meu espírito de pesquisadora, o desejo de estudar sobre o assunto e como ele vem impactando a atuação docente dentro da universidade, pois ao direcionar o professor universitário como sujeito responsável pelo processo de formação profissional, essa conjuntura impacta diretamente sobre os processos de ensino e de aprendizagem, assim como a construção do ser professor.

¹ Este estudo tem como foco, aprofundar a compreensão relativa à docência e os processos formativos dos estudantes e professores formadores das licenciaturas e professores em formação continuada na educação básica em contextos emergentes. Optado pela narrativa sociocultural por se tratar de um estudo qualitativo, comportando uma análise que centra sua atenção nos processos de construção compartilhada, implicando a compreensão do processo de transformação, no qual os participantes da investigação explicitam suas ideias, revelando a subjetividade/objetividade das relações vividas na construção da docência. (BOLZAN, 2016, p.1)

² OIT - Organização Internacional do Trabalho. A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores. Genebra: OIT/UNESCO, 1984.

Por isso, este Trabalho de Conclusão de Curso é oriundo de um projeto maior, a partir do qual se entrelaçam reflexões para se pensar a formação de professores, o ensino e a aprendizagem na universidade.

Esta pesquisa, “Mal-estar docente: um olhar sobre o professor universitário” justifica-se pela significativa degradação das condições do exercício da docência, em que o estresse no ambiente de trabalho suscita e desencadeia intensos sentimentos de crise de identidade docente. Esses sentimentos, segundo Esteve (1999) “incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas” (apud SOUZA, SANTOS, ALMEIDA, 2016, p.89), perpassando a atuação na educação básica até o ensino superior, no qual, acaba trazendo o adoecimento dos trabalhadores. Contudo, o foco desta investigação centra-se no ensino superior.

Dado que esses profissionais são de grande importância e são agentes fundamentais nos processos de ensino e de aprendizagem, é necessário entender de que forma este mal-estar está afetando o trabalho pedagógico, trazendo a necessidade de busca por alternativas para minimizar essas consequências.

O estudo, aqui proposto, traz a possibilidade de uma investigação sobre os professores do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, onde se localiza a formação de futuros professores. O impacto do mal-estar docente dentro da iniciação à docência pode ser um fator para se ter atenção redobrada, pois os futuros docentes das redes públicas/ privadas seja na educação básica ou no ensino superior, estão sendo formados agora e dentro da nossa universidade.

Nosso objetivo geral é compreender o mal-estar docente afeta a atividade do professor universitário na contemporaneidade. Como objetivos específicos, elencamos: reconhecer a trajetória profissional dos professores universitários na perspectiva da atividade docente; identificar como o mal-estar do professor universitário se faz presente no trabalho docente.

Seguindo a linha de investigação do projeto principal e trazendo este estudo como um desdobramento dele, como instrumento de pesquisa serão utilizadas as narrativas dos professores, evidenciando uma pesquisa de cunho sociocultural narrativo. Para compreender esse processo, inicialmente encaminhamos, aos professores das licenciaturas do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, um questionário³ com questões abertas e fechadas sobre a temática, com o propósito de conhecer os percursos profissionais docentes.

³ Questionário consta nos anexos deste arquivo.

1.1 INSERÇÃO TEMÁTICA

Realizamos uma pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- BDTD do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e tecnologia – IBICT, com o intuito de traçar um estudo sobre o mal-estar docente no Brasil. Essa busca teve como propósito fazer um levantamento de teses e dissertações produzidas, entre os anos de 2018 à 2020 no país. Utilizamos as opções “busca avançada” e “todos os termos”, combinando os descritores educação superior, mal-estar docente e formação docente na tentativa de buscar o maior número de estudos referentes à temática: Mal-estar docente: um olhar sobre o professor universitário.

O descritor inicial utilizado foi “mal-estar docente”, para o qual encontramos dezenove (19) trabalhos. Em seguida, foram combinados os descritores em campos distintos: “educação superior”, “formação docente”, “mal-estar docente” e “educação superior”, “mal-estar docente” e “formação docente”, “educação superior” e “formação docente”, “mal-estar docente”, “formação docente” e “educação superior”. Dentre os trabalhos encontrados, há repetições nas diferentes combinações dos descritores.

A fim de uma melhor sistematização, elaboramos um quadro para apresentar a quantidade de trabalhos a partir dos descritores utilizados e mencionados anteriormente.

Quadro 1- Levantamento realizado no Banco Digital de Teses e Dissertações – BDTD

(continua)

Resultados encontrado no Banco Digital de Teses e Dissertações – BDTD Período: 2018 – 2020	
Descritores	Quantidade
“mal-estar docente”	19
“educação superior”	3.079
“formação docente”	1.869
“mal-estar docente” e “educação superior”	7
“mal-estar docente” e “formação docente”	10
“educação superior” e “formação docente”	524

“mal-estar docente”, “formação docente” e “educação superior”	4
---	---

Fonte: elaborado pela autora, a partir da pesquisa no IBICT⁴

A partir desse levantamento, priorizamos os descritores que trazem o termo “mal-estar docente”, tendo em vista que a pesquisa tem como enfoque essa temática. Dessa forma, exemplificaremos alguns dos descritores que tem trabalhos relacionados, listados a partir do ano de publicação, título da pesquisa e instituição na qual ela foi realizada.

Quadro 2 – Descritor “mal-estar docente”.

(continua)

“MAL-ESTAR DOCENTE”		
Ano	Título	Instituição
2018	O mal-estar na EaD sob a perspectiva da psicanálise.	UFJF Dissertação
2018	O mal-estar do professor de língua inglesa: o desvio de função como aposta subjetiva.	UFMG Tese
2018	O ciclo de vida profissional da docência no Stricto Sensu em educação: o sentido, o significado e a percepção do bem/mal-estar a partir de narrativas (auto)biográficas.	PUC-RS Tese
2019	A implementação da escola de tempo integral do Programa Cidadescola de Presidente Prudente/ SP: tensões no trabalho docente.	UNESP Dissertação
2018	Entre o formulado nos planos e a visão dos docentes: formação, profissão e valorização do docente na rede pública municipal de educação em Bela Vista de Goiás.	UFG Dissertação
2018	“Eu sou escola!” temporalidade e tensões: o discurso docente e seus rumores.	UFRGS Dissertação

⁴ Pesquisa feita no dia 03/03/2020

2019	PIBID: construindo caminhos para prática docente em educação física	UFTM Dissertação
2018	Representações sociais de identidade de docente readaptado no magistério público do Distrito Federal	UCB Tese
2018	Limitação do uso da voz na docência e a prática de atividade física no lazer: Educatel Brasil 2015-16	UFMG Dissertação
2018	Significações imaginárias sobre a condição docente no ensino médio: um estudo na rede estadual do município de Alegrete-RS	UFSM Dissertação
2018	Diagnóstico, interpretação e transformação de si: caminhos para a felicidade no magistério?	USP Tese
2018	Qualidade de Vida no Trabalho: com a palavra os trabalhadores Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.	UNIFEI Dissertação
2018	O lugar onde as dunas falam	USP Tese
2018	Eficiência relativa da educação nos municípios cearenses	UFC Dissertação
2018	Heil humor: rir do nazismo é o melhor remédio. Oder? Humor antinazista e possíveis impactos no ensino de língua e cultura alemã	UFSM Dissertação
2018	A influência da espiritualidade, religiosidade, ansiedade e depressão na motivação dos acadêmicos de uma universidade federal.	UFTM Dissertação

2018	Trajetória escolar de pessoas com deficiência até a educação superior: análise de condições familiares e escolares	UNESP Dissertação
2018	Narrativas de ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental	UFPE Dissertação
2018	Gestão ambiental em instituições educação superior no Brasil: o discurso e a realidade.	UFAM Dissertação

Fonte: elaborado pela autora, a partir da pesquisa no IBICT⁵

Quadro 3 – Descritores “mal-estar docente” e “educação superior”.

(continua)

“MAL-ESTAR DOCENTE e EDUCAÇÃO SUPERIOR”		
Ano	Título	Instituição
2019	A implementação da escola de tempo integral do Programa Cidadescola de Presidente Prudente/ SP: tensões no trabalho docente.	UNESP Dissertação
2019	PIBID: construindo caminhos para prática docente em educação física	UFTM Dissertação
2018	Trajetória escolar de pessoas com deficiência até a educação superior: análise de condições familiares e escolares	UNESP Dissertação
2018	Gestão ambiental em instituições educação superior no Brasil: o discurso e a realidade.	UFAM Dissertação
2018	A influência da espiritualidade, religiosidade, ansiedade e depressão na motivação dos acadêmicos de uma universidade federal.	UFTM Dissertação

⁵ Pesquisa feita no dia 03/03/2020

2018	Eficiência relativa da educação nos municípios cearenses	UFC Dissertação
2018	O ciclo de vida profissional da docência no Stricto Sensu em educação: o sentido, o significado e a percepção do bem/mal-estar a partir de narrativas (auto)biográficas.	PUC-RS Tese

Fonte: elaborado pela autora, a partir da pesquisa no IBICT⁶

Quadro 4 – Descritores “mal-estar docente” e “formação docente”

(continua)

MAL-ESTAR DOCENTE” E “FORMAÇÃO DOCENTE”		
Ano	Título	Instituição
2018	O mal-estar do professor de língua inglesa: o desvio de função como aposta subjetiva	UFMG Tese
2019	A implementação da escola de tempo integral do Programa Cidadescola de Presidente Prudente/ SP: tensões no trabalho docente.	UNESP Dissertação
2018	Entre o formulado nos planos e a visão dos docentes: formação, profissão e valorização do docente na rede pública municipal de educação em Bela Vista de Goiás.	UFG Dissertação
2018	“Eu sou escola!” temporalidade e tensões: o discurso docente e seus rumores.	UFRGS Dissertação
2019	PIBID: construindo caminhos para prática docente em educação física	UFTM Dissertação
2018	Significações imaginárias sobre a condição docente no ensino médio: um estudo na rede estadual do município de Alegrete-Rs.	UFSM Dissertação

⁶ Pesquisa feita no dia 03/03/2020

2018	Diagnóstico, interpretação e transformação de si: caminhos para a felicidade no magistério?	USP Tese
2018	A influência da espiritualidade, religiosidade, ansiedade e depressão na motivação dos acadêmicos de uma universidade federal.	UFTM Dissertação
2018	Trajatória escolar de pessoas com deficiência até a educação superior: análise de condições familiares e escolares	UNESP Dissertação
2018	Narrativas de ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental	UFPE Dissertação

Fonte: elaborado pela autora, a partir da pesquisa no IBICT⁷

Quadro 5 – Descritores “mal-estar docente”, “formação docente” e “educação superior”

(continua)

“MAL-ESTAR DOCENTE”, “FORMAÇÃO DOCENTE” E “EDUCAÇÃO SUPERIOR”		
Ano	Título	Instituição
2019	A implementação da escola de tempo integral do Programa Cidadescola de Presidente Prudente/ SP: tensões no trabalho docente.	UNESP Dissertação
2019	PIBID: construindo caminhos para prática docente em educação física	UFTM Dissertação
2018	Trajatória escolar de pessoas com deficiência até a educação superior: análise de condições familiares e escolares	UNESP Dissertação

⁷ Pesquisa feita no dia 03/03/2020

2018	A influência da espiritualidade, religiosidade, ansiedade e depressão na motivação dos acadêmicos de uma universidade federal.	UFTM Dissertação
------	--	---------------------

Fonte: elaborado pela autora, a partir da pesquisa no IBICT⁸

Com base no total de dezenove trabalhos, indicados pelo descritor mal-estar docente, dois tem proximidade com nosso enfoque temático, verificando o aumento das produções, principalmente, quando se trata da educação básica. O ensino superior conta com pesquisas centralizadas em áreas mais específicas. Contudo, as tensões e enfrentamentos da educação básica, muitas vezes, refletem no ensino superior, o que acaba fazendo com que esse mal-estar docente afete ambos os níveis de ensino, perpassando todas as etapas da educação.

O trabalho intitulado “O mal-estar na EaD sob a perspectiva da psicanálise”, de Amanda Aparecida Barroso de Paiva (2018), surge da questão: “como o mal-estar se manifesta no ensino a distância? Em que se diferencia o mal-estar presente na educação presencial e na modalidade de ensino a distância?” É percorrendo e investigando como o mal-estar, que é estrutural ao sujeito, se apresenta na educação a distância, que a autora retoma o conceito de mal-estar de Freud e percorre o caminho de investigação sob a Educação a Distância (EaD). Nesse sentido, são apresentados conhecimentos teóricos sobre a EaD e seu processo de estruturação, fala-se do mal-estar na civilização, com base em obras de Freud, localiza-se este mal-estar na educação escolar e posteriormente no ensino superior e pós-graduação. A fim de realizar uma coleta de dados para a pesquisa, foram feitas entrevistas com os tutores do curso de Pedagogia a distância da UFJF. A autora conclui que o mal-estar docente, se apresenta, mesmo de maneira diferente, em todas as etapas da educação, seja em nível básico ou superior, reafirmando também o papel do inconsciente que nos controla apesar e acima de qualquer circunstância.

“O ciclo de vida profissional e o sentido, o significado e a percepção do bem e mal estar do/no trabalho docente no stricto sensu em Programas de Pós-graduação em Educação”, é uma tese de autoria de Jordana Wruck Timm (2018), apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que teve como objetivo entender a percepção individual sobre o processo de trabalho no decorrer do ciclo de vida profissional; refletir sobre os impactos dos fatores de caráter pessoal no trabalho e vice-versa, considerando que vida pessoal e profissional são indissociáveis; analisar

⁸ Pesquisa feita no dia 03/03/2020

os fatores relacionados ao bem e ao mal-estar na carreira docente.

A autora destaca que a realização deste estudo, a partir das narrativas (auto) biográficas das docentes, assenta-se na necessidade de dar mais voz aos docentes, cujo trabalho intelectual é consistente, mas que interessa conhecer a caminhada feita até chegar nesse nível. Assim, priorizando e suscitando nos estudos, cada vez mais, as singularidades e particularidades do sujeito, dando voz aos docentes e percebendo-os como pessoas-profissionais, cuja indissociabilidade de papéis se faz de extrema importância ao visar uma discussão mais densa e profunda.

Não mais importante do que os outros citados nos quadros anteriores, estes dois trabalhos aproximaram-se mais desta temática de pesquisa. Segundo Zampieri, (apud Jesus, 1998, p.17) as situações de mal-estar dos professores são mais frequentes do que no passado e ocorrem com maior intensidade na classe docente do que noutros grupos profissionais. Ressaltando que o mal-estar docente afeta os diferentes níveis de ensino, é habitual encontrar diversas pesquisas que retratam um processo de adoecimento dos profissionais da educação, principalmente dos professores.

Dessa forma, pesquisar sobre os impactos das exigências e demandas profissionais na docência, tem grande relevância para compreender as implicações do mal-estar dentro do contexto de uma IES, que tem um ambiente específico de formação, de futuros professores. Nessa direção, o impacto deste estudo vem a contribuir para que, nós possamos mitigar as dificuldades encontradas pelos professores em função da sua desvalorização social e financeira, no contexto da educação brasileira, não importando os níveis de ensino. Além disso, existe também, uma demasiada sobrecarga de atividades enfrentadas no exercício da docência, que ultrapassam a ideia de que o professor “somente dá aulas”, que não são consideradas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ENSINO SUPERIOR E UNIVERSIDADE PÚBLICA

O ensino superior surgiu tardiamente no Brasil e somente em 1808, com a vinda da família real, é que são criadas instituições. Em geral, as famílias abastadas enviavam seus filhos para estudarem na Europa. A partir daí, somente com a República, no início do século XX, registramos as primeiras tentativas de criação de universidade, bem como a expansão dela. Na década de 1920, temos as primeiras universidades organizadas que sobrevivem até os dias de hoje. Contudo, sua expansão é lenta e somente na segunda metade do século passado, o Ensino Superior atingiu todos os Estados da Federação. Rossato (2012, p.24) ressalta que, o país convive desde o início da criação das universidades, com instituições públicas e privadas.

Nos últimos vinte e cinco anos, triplicou o número de estudantes do ensino superior no mundo. Hoje, as estatísticas apontam para mais de duzentos milhões e, dentro de uma década, para trezentos milhões. São números impressionantes.

Estamos a falar de 4% da população mundial. Para Nóvoa (2019, p. 56) não se trata, apenas, de uma transformação quantitativa, mas de uma mudança qualitativa, com consequências na missão e na organização das universidades.

Cada vez mais, a ciência assume grande importância na sociedade e está ligada diretamente à educação superior. Contudo, são visíveis os grandes ataques que a educação vem sofrendo. A precarização do ensino público acaba afetando diretamente a vida das pessoas, uma vez que as grandes invenções e tecnologias têm base científica.

São tempos de resistência principalmente para manter o ensino público, gratuito e de qualidade, que oferece a cerca de mais de 485.176 milhões de pessoas o ensino presencial e para 86.965 pessoas o ensino a distância, segundo dados de 2017 do Censo do Ministério da Educação. No entanto, mais do que o ingresso, existem as políticas de permanência estudantil. A Universidade Federal de Santa Maria é uma das instituições que oferece a seus estudantes de baixa renda a possibilidade de moradia, restaurante universitário, assim como, acompanhamento médico, psicológico e ortodôntico, todos estes serviços gratuitos.

Esses tempos que vivemos nos levam a pensar que o sucateamento do ensino público, pode ser um dos fatores que implicam no mal-estar do professor universitário e da rede de educação básica. Isso porque, segundo estudos Blase (1982) apud Tolfo (2017, p. 61), que apresentam “dois tipos de fatores para o desenvolvimento do mal-estar docente, de ordem primária e secundária, existe relação das condições ambientais e o contexto em que se exerce à docência, com a motivação do professor no trabalho docente”.

Segundo Tolfo (2017),

fica evidenciado que os contextos interferem no alcance dos objetivos do trabalho do professor, bem como, o reflexo do trabalho do professor na escola, visto sua inter-relação, resultando muitas vezes em frustração, em mal-estar, devido às contradições em que o trabalho docente se efetua. (p.45)

Se por um lado, o professor tem que alcançar os objetivos impostos pelo sistema e pela escola, por outro lado, não encontra, muitas vezes, as condições necessárias para exercer sua profissão com dignidade.

Na universidade, são circunstâncias de uma cultura institucional que estão relacionadas a outras instancias de atividade do professor, como o quadripé universitário⁹ que demanda muitas responsabilidades, assim como uma grande carga horária. Dessa forma, para além da sala de aula, o professor universitário contacom a

⁹ Bolzan (2016) define que, o quadripé da universidade se constitui a partir dos três elementos do tripé universitário: do ensino, da pesquisa, da extensão, acrescido da gestão, a partir da pesquisa intitulada “Aprendizagens da docência: processos formativos de estudantes e formadores da Educação Superior” (Relatório final, 2021, p. 34).

exigência de atender a essas demandas e, os contextos que chegam à universidade, implicando no modo de organização da prática docente.

Estes contextos podem ser lidos, como contextos emergentes, definido por Bolzan (2016), como um conjunto de demandas surgidas diante da expansão universitária, implicando em transformações nos modos de ensinar e aprender, nos espaços educativos. Assim, destacam-se como contextos emergentes, os ambientes virtuais de aprendizagem – moodle e outros, tecnologia, educação virtual, mobilidade acadêmica e internacionalização, inclusão – por meio do sistema de reserva de vagas e cotas, a gestão e a diversidade.

Dessa forma, os contextos emergentes reconfiguram a cultura organizacional universitária, pois as instituições precisam considerar esses indicadores que perpassam o fazer docente e discente, interferindo nos processos formativos e no exercício da docência. Isso demanda que essas novas exigências que compõem o cenário educacional brasileiro, ressaltadas pelas políticas educacionais do país, conectem o trabalho pedagógico e a organização institucional com a pluralidade social, econômica e cultural. (BRAUN, 2020, p. 74)

A partir disso, o trabalho docente assume mais uma responsabilidade, buscando qualificar, compreender e considerar todas as singularidades que perpassam e compõem as novas exigências, do cenário educacional brasileiro.

2.2 FORMAÇÃO DOCENTE

A carreira docente implica em um constante desenvolvimento profissional, uma vez que o professor é o principal sujeito da própria formação. Foi na segunda metade do século XVIII que se começou a traçar o perfil do professor, desde quem deveria pagar seu salário até se deveria ser leigo ou religioso. Esse processo fez com que, inicialmente, “a função docente desenvolvesse-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens” (NÓVOA, 1999, p.15). Ao longo dos anos, que se configurou um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e de valores específicos da profissão docente, delineando uma presença cada vez mais intensa no campo educacional.

Foi o enquadramento estatal que instituiu os professores como corpo profissional, e não uma concepção corporativa do ofício, significando na definição de regras de seleção e de nomeação. A partir do final do século XVIII não é permitido ensinar sem uma licença ou autorização do Estado, a qual é concedida na sequência de um exame que pode ser requerido pelos indivíduos que preenchem certo número

de condições (habilitações, idade, comportamento moral etc.). Este documento constitui um verdadeiro suporte legal ao exercício da atividade docente, na medida em que contribui para a delimitação do campo profissional do ensino e para a atribuição ao professorado do direito exclusivo de intervenção nesta área. A criação desta licença (ou autorização) é um momento decisivo do processo de profissionalização da atividade docente, “uma vez que facilita a definição de um perfil de competências técnicas, que servirá de base ao recrutamento dos professores e a delinear de uma carreira docente”. (NÓVOA, 1999, p. 17)

Dentro deste cenário, os professores se tornam os protagonistas no terreno da grande operação histórica da escolarização, “assumindo a tarefa de promover o valor educação: ao fazê-lo, criam as condições para a valorização das suas funções e, portanto, para a melhoria do seu estatuto socioprofissional”. (NÓVOA, 1999, p.18)

Assim sendo, toda a tecnologia ou inovação na prática pedagógica está forçosamente implicada nas ideias e motivações do professor, levando-nos a refletir sobre a importância de suas ideias e ações. Seu processo de pensamento está “permeado por teorias e crenças, que tem relação direta a sua prática pedagógica”. (BOLZAN, 2002, 2016, 2018, p.116)

Mas afinal, como se forma um docente?

Cada um de nós constrói uma singular biografia nessa caminhada da docência, entendendo que ela é construída aos poucos e que está sempre sofrendo transformações. Tarefa essa, que precisa de constantes (auto) transformações, uma vez que o “professor é o responsável pelo pleno desenvolvimento do educando, em um mundo social que não é fixo, nem estável, mas dinâmico e mutante devido ao seu caráter inacabado e construtivo” (GÓMEZ, 1998, 73).

Diante de tantas atribuições e responsabilidades da carreira docente, a educação precisa ser entendida como um processo, em que a intervenção mediadora ou a aprendizagem mediada, por meio dos instrumentos e signos, é essencial para a construção de conhecimento de forma compartilhada, uma vez que sua “dinâmica compreende a mobilização de aprendentes/ensinantes, simultaneamente, a fim de que se apropriem ativamente dessas novidades” (BOLZAN, 2002, p.26). A comunidade educacional deve ser construída como um todo, de modo que

os comportamentos do sujeito, seus processos de aprendizagem e as peculiaridades de seu desenvolvimento, somente podem ser compreendidos se somos capazes de entender os significados que se criam em suas trocas com a realidade física e social ao longo de sua singular biografia. (GÓMEZ, 1998, p. 103)

Estes percursos nos levam a entender o quão importante é, e se faz a formação

docente inicial e continuada, pois sem elas não há ensino de qualidade. Contudo, é dentro dessa comunidade que o mal-estar se torna um fenômeno complexo que abrange inúmeros fatores e cada vez está mais atual.

A sociedade vive em um processo de constante violência, materializando-se de diversas formas. Os ambientes educacionais, sejam eles de educação básica ou ensino superior, acabam sendo um ponto de “encontro” de todos esses contextos, desde os que fazem a violência até os que sofrem a violência. A tensa e intensa relação com os alunos refletindo a falta de respeito e consideração tem acarretado o adoecimento de muitos docentes, caracterizando-se como uma dor profissional.

Segundo Corsini (2013), em uma matéria publicada na Revista Educação, demonstra que a procura pelo curso de licenciatura tem diminuído, resultando em falta de profissionais na área. É por isso a necessidade de dialogar e escutar o que estes profissionais têm a dizer, quais são seus anseios e angústias qual a forma e como de amenizar isso? Talvez caiba a sociedade, ajudar quem um dia tanto nos ajudou.

2.3 MAL-ESTAR DOCENTE

Viver em um mundo que sofre rápidas e constantes transformações, faz com que muitos valores antes considerados inalterados, hoje estão sempre sendo reavaliados. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman ressalta que “Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar”, pois a partir da segunda metade do século XX, mudanças aconteceram em um ritmo intenso, fazendo com que a forma de vida contemporânea fragilize as relações sociais.

É nesse contexto da contemporaneidade que as pesquisas sobre o mal-estar docente crescem e a educação sofre severas críticas que acomete essa síndrome, na qual ocorre quando os recursos pessoais do trabalhador parecem estar perdidos ou insuficientes, não proporcionando os resultados previstos. Faltam estratégias de enfrentamento. (ZAMPIERI, 2002, p. 17).

O mal-estar é a conjunção de vários fatores sociais e psicológicos mal diagnosticados que está produzindo o que dominaremos um ciclo degenerativo da eficácia docente. Esta ideia é bastante significativa, pois expressa algo que está presente entre nós: basta examinar os climas de ódio e de competição desnecessária, frequentes nos centros educacionais, tanto entre os professores, como destes para com os alunos e com a direção. (SANTOS, 2005, p.5).

Borsoi (2012), realizou uma pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e investigou a intensificação do trabalho e suas implicações no modo de vida e na saúde dos docentes. A pesquisadora ouviu noventa e seis (96) docentes

efetivos, dos quais cinquenta e seis (56) eram homens (58,3%) e quarenta (40) mulheres (41,7%), com idade média de 46,7 anos, variando entre vinte e seis (26) e sessenta e oito (68) anos, distribuídos por dezoito departamentos acadêmicos. Desta forma, a autora chegou à seguinte constatação:

dentre os participantes, setenta e oito (78) (81,3%) assinalaram ter procurado atendimento médico e/ou psicológico nos últimos dois anos. Desse conjunto, 46,2% fizeram-no entre uma e duas vezes por ano. No mesmo grupo, 36% dezoito (18) mulheres e dez (10) homens, totalizando vinte e oito (28) participantes apresentam queixas relacionadas a agravos de ordem psicoemocional (principalmente depressão e ansiedade), 14,1% referem enxaqueca, cistite e crise gástrica, (que também pode ter como desencadeante a dimensão psicoemocional) e 12,8% informaram ter afecções osteomusculares. Há, ainda, relatos de afecções como hipertensão, diabetes e distúrbios hormonais

Este conjunto de fatores, que acarretam diferentes consequências negativas na saúde dos professores, segundo Borsoi (2012, p.81) “têm sua base em elementos como a exigência de produtividade e excelência e, ao mesmo tempo, dificuldade para cumprir essas exigências”. A qualidade de vida está diretamente relacionada com a satisfação do indivíduo e sua capacidade produtiva. Fernandes (2017) explica que, “um ambiente de trabalho agradável, seguro, com respeito mútuo, oportunidades de aprendizagem e crescimento, contribui satisfatoriamente na vida social e relacionamento familiar do trabalhador” (p.8).

É nesse percurso como futura docente e pesquisadora, que nos leva buscar compreender como os docentes do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria sentem-se frente a essa série de problemas enfrentados no ensino público. Entendendo que, para os professores o desafio é enorme. Eles constituem não só um dos mais numerosos grupos profissionais, mas também um dos mais qualificados do ponto de vista acadêmico. Grande parte do potencial cultural (e mesmo técnico e científico) das sociedades contemporâneas está concentrada nas escolas. Não podemos continuar a desprezá-lo e a minorizar, as capacidades de desenvolvimento dos professores. Nóvoa (1999) destaca que, “o projeto de uma autonomia profissional, exigente e responsável, pode recriar a profissão professor e preparar um novo ciclo na história das escolas e dos seus atores”. (p. 31)

O mal-estar na sociedade é investigado inicialmente por Freud (1980, p.80) em 1930, indicando três fontes causadoras dele: “o poder superior da natureza, a fragilidade do nosso próprio corpo e a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos dos seres humanos na família, no estado e na sociedade”.

No entanto, o conceito de mal-estar docente é pesquisado desde a década de

1970, quando os estudos de Jesus (2004) apontam que nos anos 1980, houve um aumento das investigações acerca deste tema, devido à frequência e intensidade dos diversos indicadores de mal-estar. No contexto brasileiro, na década de 80, Lipp (2001) iniciou seus trabalhos na UNICAMP, em Campinas. Neste cenário, no sul do Brasil, “destacam-se como principais referências na discussão sobre o mal-estar/bem-estar docente os trabalhos de (Mosquera e Stobäus), desde 1996”. (TOLFO, 2017 apud STOUBAUS, MOSQUERA e SANTOS, 2007a, p.261).

A caracterização do mal-estar docente, segundo Esteve (1992), se trata dos efeitos negativos das condições da profissão docente sobre a personalidade do professor, sendo um conceito amplo que integra conceitos mais específicos, como os de insatisfação, desinvestimento, desresponsabilização no contexto do trabalho docente, o desejo de abandonar a docência, o absentismo, o esgotamento, a ansiedade, o estresse, a neurose e a depressão. Da mesma forma, chama a atenção que a chave do mal-estar docente está na desvalorização do trabalho do professor.

Diretamente ligada a fatores sociais, culturais, econômicos, políticos essa temática coloca em relevo um problema na docência que não surge no século XXI, mas cada vez mais se torna evidente no âmbito escolar e universitário. O adoecimento do professor traz aspectos e marcas da crescente desvalorização e exaustão que se encontra os profissionais da área. Além disso, é marcado pelas condições inadequadas de trabalho.

Blase (1982) apud Tolfo (2017, p. 61), define dois tipos de fatores para o desenvolvimento do mal-estar docente, sendo eles de ordem primária e secundária. Os fatores de primeira ordem incidem diretamente sobre a ação docente, gerando tensões de caráter negativo em sua prática cotidiana, como as condições e a sobrecarga de trabalho; e os secundários são contextuais, incidem indiretamente sobre a ação docente, afetando a eficácia do professor ao promover uma diminuição da sua motivação no trabalho, relacionando-se com as condições ambientais e o contexto em que se exerce à docência.

Essa classificação é apresentada também por Tolfo (2017), ao investigar a “Organização do trabalho escolar e o mal-estar dos professores: um desafio de integrar pessoas”. Os fatores de primeira ordem, para Blase (1982) apud Tolfo (2017, p. 57), estão relacionados aos recursos materiais e as condições de trabalho, à violência nas instituições escolares, ao esgotamento docente e à acumulação de exigências sobre o professor. Já os fatores de segunda ordem trazem aspectos do papel e imagem do professor diante das mudanças de formação e propagação do conhecimento, bem como a rápida transformação do contexto social. Estes elementos

destacam-se como:

- modificação no papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização;
- a função docente;
- modificação do apoio do contexto social;
- os objetivos do sistema de ensino e o avanço do conhecimento;
- a imagem do professor (BLASE, 1982. apud TOLFO, 2017, p. 61)

A sobrecarga de trabalho, em conjunto com a falta de estrutura de trabalho, cria grandes lacunas na saúde dos trabalhadores da educação. Wanderley Cogo, professor e pesquisador, em seu livro "Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação", traz uma pesquisa em conjunto com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e o Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (LPT/UnB), na qual realça que “o campo da educação apareceu como epidêmico para o Burnout, diante dos níveis diferenciados, da despersonalização e da exaustão emocional, ressaltados as dimensões do sofrimento humano no emaranhado das atuações pessoais e profissionais, e a necessidade de suportes afetivos capazes de evitar a doença.” (COGO, 2006, p 432).

A falta de realização e satisfação profissional perpassa diferentes contextos. Dessa forma, o mal-estar do professor elenca uma série de problemas que podem se manifestar em diversos planos. Jesus (1998 apud TOLFO (2017, p. 65), aponta as principais consequências que atingem a esfera pessoal e profissional do docente:

- biofisiológico (hipertensão arterial, cefaleia, fadiga crônica, perda de peso, insônia, úlceras, distúrbios intestinais, dentre outros);
- comportamental (absenteísmo, postura conflituosa, abuso do álcool ou de drogas, falta de empenho profissional etc.);
- emocional (distanciamento afetivo, impaciência, irritabilidade, apatia, frustração etc.);
- cognitivo (diminuição da autoestima, dificuldade na tomada de decisões etc.) JESUS (1998) apud TOLFO (2017, p. 65)

Os fatores de mal-estar docente repercutem negativamente dentro do processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que não seja reconhecida a trajetória profissional dos professores, assim como, tenha uma culpabilização pelos conflitos dentro dos contextos escolares (JESUS, 1998 apud TOLFO, 2017, p. 66).

No meio universitário a exigência social, a sobrecarga e a exaustiva jornada de trabalho se associam ao ritmo de competitividade e metas a serem atingidas. Os cargos de gestão, administrativos, coordenação, muitas vezes, tomam mais tempo do

que o planejamento das aulas a serem ministradas. É comum que os vários cargos ocupados pelos professores desgastem os mesmos, tendo a sala de aula como seu último lugar, retratando as implicações de uma cultura acadêmica e institucional, demarcada pela articulação da formação, ensino, pesquisa e extensão tornando a profissão docente de alta complexibilidade. Transitar e atender as demandas do quadripé universitário, que por vezes envolve também a gestão, exige uma demanda de tempo e trabalho muito além do “horário comercial”. São exigências que perpassam a sala de aula, a universidade e acabam sendo levadas para casa com o intuito de resolvê-las, dessa forma o tempo de trabalho docente atinge um número muito superior as horas de presença obrigatória em classe.

Corroborando com isso, Stobäus e Mosqueira (2007) evidenciam algumas causas que são localizadas nas deficiências de

posições do Estado e planos de Governo como desencadeadores de uma educação realmente eficiente; - falta de uma Filosofia de Educação conhecida por todos e por todos trabalhada, analisada, discutida e negociada; cremos que um dos grandes caos da Educação é o desconhecimento de princípios filosóficos sólidos, que se expressam em uma imagem de ser humano e, principalmente, em fins educacionais abertos, coerentes e, principalmente, democráticos; – necessidade de uma educação para a cidadania, na qual direitos humanos e atitudes de tolerância possam ser intercambiadas; – falta na consideração da importância central das temáticas dos meios e dos recursos da Educação, que expressam o engajamento da totalidade do social e significam a permanência digna do ensinar como trabalho real e profissão fundamental; e – deficiência em considerar o conhecimento como um real valor que dá elementos para modificações em um mundo chio de pobreza, ignorância e desconhecimento.(STOBAUS, MOSQUERA, 2007,p. 264)

Dentro dessas deficiências apresentas e considerando que os ambientes educacionais revelam “um contexto de lutas e conflitos e um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão e não uma condição adquirida” (NÓVOA, 1992, p.16), como a organização deste espaço pode permitir um bem-estar docente? Como, na contemporaneidade, esse mal-estar se tornar algo cada vez mais presente? Este é o desafio, buscar compreender um pouco deste contexto e possíveis implicações no trabalho do professor.

3. METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A possibilidade de pensar sobre o mal-estar docente e suas implicações no processo de aprendizagem traz a necessidade de procurar respostas entre as narrativas dos professores, de modo a ter uma visão mais ampla dessa circunstância que interfere nos modos de operar e de atuar do professor universitário.

Desta forma, para buscar as possíveis respostas e compreendermos a trajetória dos sujeitos envolvidos na pesquisa, escolhemos a abordagem sociocultural, de cunho narrativo “por se tratar de um tipo de estudo qualitativo que comporta uma análise que centra sua atenção nos processos de construção coletiva, considerando a subjetividade do sujeito” (BOLZAN, 2002, p.70).

O aspecto principal da abordagem sociocultural através da narrativa está na compreensão de que se está vivendo em um contínuo contexto experiencial, social e cultural, ao mesmo tempo em que contamos nossas histórias, refletimos sobre nossas vivências, explicitando a todos nossos pensamentos, através de nossas vozes. Acreditamos que, “a palavra se constitui como um material fundamental da consciência, revelando-se como produto da interação entre os indivíduos durante a comunicação; ela constitui o meio pelo qual se produzem modificações sociais” (BOLZAN, 2002, p. 73).

Levando isso em consideração, a narrativa permite uma troca entre pesquisador e entrevistado, fazendo um processo de reflexão e transformação nos sujeitos ao longo do diálogo. Este caminho nos permite conhecer os principais desafios enfrentados pelos docentes dentro da universidade pública, assim como, refletir sobre como o mal-estar docente afeta, a atividade do professor.

3.2 TEMÁTICA

O estudo aqui proposto é oriundo de um projeto maior, desenvolvido pelo GPFOPE, como já mencionado. Partindo disso, as pesquisas do grupo, buscam entrelaçar reflexões para se pensar a formação dos professores, o ensino e a

aprendizagem na universidade. Ao acompanhar o processo investigativo e as narrativas dos professores participantes do projeto, evidenciamos a latência do impacto das exigências e demandas profissionais na vida dos docentes, que se torna um indicador ascendente no processo de adoecimento na profissão.

Assim sendo, definimos como tema central de pesquisa:

o mal-estar docente do professor universitário

Essa escolha pela temática ocorreu, dada à significativa degradação das condições do exercício da docência, de modo que o estresse suscita e desencadeia intensos sentimentos de crise de identidade docente. Impactando assim, na atuação docente dentro da universidade e nos processos de ensino e de aprendizagem.

3.3 OBJETIVO GERAL DA PESQUISA

Compreender, na contemporaneidade, o mal-estar do professor universitário se tão presente no trabalho docente.

3.3.1 Objetivos específicos.

- ✓ Reconhecer a trajetória profissional dos professores universitários na perspectiva da atividade docente.
- ✓ Refletir sobre como o mal-estar docente, afeta a atividade do professor universitário.

3.4 CONTEXTOS E SUJETOS DA PESQUISA

A pesquisa será desenvolvida no ambiente de uma IES, pública e federal, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul/RS. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi fundada em 1960, sendo a primeira localizada no interior do estado, município de Santa Maria, e hoje conta com mais três campi, sendo eles em Cachoeira do Sul, Frederico Westphalen e Palmeira das Missões. Na atualidade, a instituição possui 25.388 alunos, distribuídos entre as modalidades presenciais e à distância dos 276¹⁰ cursos ofertados. O campus Camobi, onde foi realizada a pesquisa, conta com dez (10) centros de ensino, ofertando cento e vinte e oito (129) cursos de graduação, cento e doze (111) de pós-graduação, quatro (5) de nível médio,

¹⁰ Dados disponibilizados no site da instituição, provenientes da base de dados institucional, mantida pelo Centro de Processamento de Dados - CPD, através do SIE - Sistema de Informação para o Ensino. Os números são referentes ao período de 2022/1.

vinte e seis (28) de pós-médio e um (1) no nível de Educação Infantil (localizado na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo).

Os sujeitos participantes desta pesquisa são professores lotados no Centro de Educação, que é organizado em quatro departamentos: Departamento de Administração Escolar, Departamento de Educação Especial, Departamento de Fundamentos da Educação e Departamento de Metodologia do Ensino, totalizando cento e vinte e um (123) docentes. Estes participantes foram elencados, devido sua atuação direta na formação inicial da docência, assim como a disponibilidade para a realização da pesquisa, uma vez que é preciso dispor de um tempo para o diálogo da entrevista.

Dessa forma, o primeiro contato com estes sujeitos foi feito através de e-mail, constatando a possibilidade e disponibilidade de colaborar com a pesquisa. Após isso, quatro pessoas responderam positivamente para participar. A data das entrevistas foi marcada via WhatsApp e realizada via Google Meet, conforme a data e horário combinado. A seguir, o quadro dos sujeitos participantes da pesquisa:

Quadro 6 – sujeitos colaboradores da pesquisa.

Nome	Idade	Tempo de atuação	Formação	Curso de atuação
Hortênsia	56	6	Graduada em Pedagogia, Mestra e Doutora em Educação	Todos os cursos de licenciatura.
Girassol	51	8	Graduada em Educação Especial e Psicologia, Mestra e Doutora em Educação	Pedagogia e Educação Especial
Orquídea	34	2 anos como substituta e 4 como efetiva	Graduada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação	Pedagogia

Lírio	46	6	Graduada em Educação Especial e Letras Libras, Mestre e Doutora em Educação	Todos os cursos de bacharelado e licenciatura.
-------	----	---	---	--

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados fornecidos pelos sujeitos participantes do estudo.

3.5 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Por meio das narrativas dos sujeitos que o pesquisador pode explorar as ideias, percepções e concepções de mundo. Por isso, as narrativas trazem em sua essência a significação, reflexão e a possibilidade de reviver sentimentos e momentos.

Para que isso seja feito, é realizado um primeiro contato com os sujeitos, a fim de propor a participação na pesquisa. Apresentado o tema, a proposta de entrevista como um modo de recolha de informações, os tópicos guias (trajetória pessoal e profissional, docência, mal-estar docente) vão orientar as entrevistas. Por meio deles, o entrevistador tem a possibilidade de levantar questões e problematizar elementos em torno da temática, fazendo o participante narrar suas experiências e vivências.

Assim, a partir de tópicos guia, é possível estabelecer um diálogo através de uma escuta sensível, conhecendo o outro, compreendendo, interpretando e considerando diferentes pontos de vista acerca da temática proposta. Além disso, por meio deste instrumento de coleta de dados, é possível reconhecer a trajetória profissional dos professores universitários, na intenção de conhecer como vivenciam à docência em contextos emergentes e, por consequência, como eles lidam com a sobrecarga de trabalho, que pode ser um dos fatores que levam ao mal-estar.

Desse modo, as narrativas se tornam um importante instrumento a ser utilizado no desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que possibilita um contato entre entrevistado e entrevistador, por meio da qual a palavra se torna fonte essencial de escuta e construção do conhecimento, bem como, de reflexões sobre a temática em destaque: o mal-estar docente.

De acordo com Bolzan (2002, 2016, 2018), o diálogo entre pesquisador e entrevistado traz a possibilidade, de por meio da linguagem, aproximar-se do contexto de onde o sujeito fala, considerando suas subjetividades e singularidades. Logo, cria-se uma rede colaborativa de escuta, onde a voz do professor ao mesmo tempo em que enriquece a pesquisa com suas experiências e contribuições, leva a tomada de

consciência do seu próprio enunciado. Por meio das narrativas é “que podemos conhecer e compreender o contexto a partir das falas/vozes/ditos, remetendo-nos às questões relativas à própria interação estabelecida entre o sujeito e o pesquisador”. (RELATÓRIO FINAL, 2016, p.58)¹¹.

Para isso, elaboramos um conjunto de tópicos guia, como já mencionado anteriormente, a fim de guiar a entrevista e ser um ponto de partida para as reflexões. Eles foram elaborados com o intuito de orientar o entrevistador com questionamentos, que não são perguntas fechadas, sobre alguns elementos necessários para se pensar o mal-estar docente na atividade do professor na universidade. Por isso, eles foram subdivididos em algumas temáticas. No quadro abaixo, elencamos estes elementos:

Quadro 7- tópicos guias utilizados para orientar as entrevistas.

TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL
DOCÊNCIA
MAL-ESTAR DOCENTE

Fonte: elaborado pela autora, a partir do tema, fonte e referencial.¹²

O tópico guia referente à trajetória profissional buscamos conhecer o percurso do docente, compreender como foi à escolha pela docência e quais os caminhos que o trouxeram até o ensino superior.

O tópico guia acerca da docência procuramos entender como é o trabalho docente dentro de uma IES, quais são as demandas do professor universitário, se elas são compatíveis ao trabalho do docente, e como são os diálogos acerca das responsabilidades e desafios da profissão no ensino superior.

Por fim, o mal-estar docente é o tema central do último tópico guia. Ele aborda questões sobre como esse conceito se faz presente na profissão, se o entrevistado já viveu alguma situação que identifica como mal-estar e como lidou com a situação. Além disso, abordam questionamentos sobre a posição da IES frente à prevenção e/ou redução o mal-estar no trabalho.

¹¹ Relatório final do projeto interinstitucional e integrado. Aprendizagem da docência: processos formativos de estudantes e formadores da educação superior. Registro GAP/CE: 032835 Santa Maria, janeiro de 2016.

¹² Consta nos apêndices os desdobramentos dos tópicos guias.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS¹³

Escutar o outro requer a sensibilidade e o compromisso, de respeitar a cada trajetória singular que é construída. Por isso, o procedimento de interpretação das narrativas contribuirá para alcançarmos os objetivos desta pesquisa, terão total sigilo, principalmente na identificação dos sujeitos.

Ressaltamos que trabalhar com narrativas traz uma possibilidade rica e potencializa a escuta do pesquisador, dando a oportunidade de estar em contato e interação com a subjetividade de cada colaborador.

Sendo assim, este projeto de pesquisa prioriza ao anonimato dos participantes, que possuem total liberdade de escolha quanto participar ou não da pesquisa, caso não se sentirem confortáveis frente a alguma coisa.

¹³ Aspectos éticos baseados no projeto guarda-chuva DOCÊNCIA E PROCESSOS FORMATIVOS: estudantes e professores em contextos emergentes. Registro GAP 042025, 2016.

3.7 PROCESSO INTERPRETATIVO: categoria e suas dimensões

O processo interpretativo desta pesquisa se organiza a partir de uma grande categoria, “professor/formador”. Essa categoria articula a importância do papel da docência, a sua constituição e as práticas pedagógicas como componentes da especificidade da profissão, pois mediante seu exercício, o “profissional da educação significará participar da emancipação das pessoas” (IMBERNÓN, 2011, p. 28), no caso dessa pesquisa, de futuros docentes.

Para além do conhecimento pedagógico, é preciso considerar o professor como um “agente dinâmico cultural, social e curricular” (IMBERNÓN, 2011, p. 22), que assume um importante papel frente à formação do futuro professorado, que atuara nas redes de ensino/aprendizagem.

Com base nela, são integradas duas dimensões categoriais, “trajetórias pessoais e profissionais” e “atividades da docência”. As dimensões categoriais estão organizadas a partir dos elementos categoriais, que se referem às características de cada dimensão, isto é, as trajetórias são pensadas a partir dos percursos escolhidos pelos sujeitos da formação e estão permeadas pelas histórias pessoais de cada um, destacando-se como primeira dimensão. A segunda dimensão atividades da docência compreende um conjunto de ações que o professor desenvolve para dar conta do ensino, da pesquisa, da extensão, da gestão e decorrem do ingresso na carreira dentro de uma Instituição de Ensino Superior. Essas ações movem um delicado equilíbrio, pois, segundo Libâneo, “(...) novas exigências educacionais pedem às universidades um novo professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação”. (2011, p. 29). Dessa forma, o professor/formador é olhado nessa pesquisa, a partir de duas dimensões. Uma delas são as trajetórias pessoais e profissionais, que influenciam os processos de profissionalização docente a partir de suas experiências, sua escolha profissional, a cultura institucional que a rege e a compreensão que se tem dos processos de ensinar e aprender. Esse processo está ligado diretamente as suas práticas e como elas implicam no início da formação profissional docente.

Esta primeira dimensão se desdobra a partir da ideia de cultura institucional, papel do professor, construção da docência, processos de ensinar e aprender e a escolha profissional. Ligadas à dimensão categorial trajetórias pessoais e profissionais. Na segunda dimensão destacamos o trabalho do professor, as atividades docentes, o ingresso na carreira e sua interferência no trabalho pedagógico e mal-estar docente.

Desse modo, por meio destes elementos, evidenciamos a complexidade da atividade docente e a importância de, cada vez mais, olhar para essa classe, buscando refletir sobre o papel e as funções do professor/formador e as múltiplas faces da sua atuação, que aqui aparecem como os elementos categoriais.

Quadro 8- Categorias e dimensões do processo interpretativo

CATEGORIAS E DIMENSÕES DO PROCESSO INTERPRETATIVO			
EIXO TRANSVERSAL	CATEGORIA	DIMENSÕES CATEGORIAIS	ELEMENTOS CATEGORIAIS
MAL- ESTAR DOCENTE	PROFESSOR FORMADOR	TRAJETÓRIAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS	<ul style="list-style-type: none"> - Papel do professor - Construção da docência - Processo de ensino/aprendizagem -Ensinar e aprender -Escolha profissional
		ATIVIDADES DA DOCÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> - Demandas do trabalho do professor e da atividade da docência - Início de carreira - Atividades de gestão - Interferências no trabalho pedagógico

Fonte: elaborado pela autora, a partir do processo interpretativo das narrativas (2020) e dos estudos de Bolzan (2020).

4. ACHADOS DA PESQUISA: processo descritivo interpretativo

Permeada por múltiplos elementos, a profissão docente constitui-se de significados e sentidos, construídos ao longo da trajetória pessoal e profissional, de cada sujeito. É nos desdobramentos desse processo, que esses múltiplos elementos vão contribuindo para a formação e produzindo sentido na complexidade e amplitude, que é “ser professor e se tornar, professor”. Por essa especificidade, a formação seja ela inicial ou continuada, torna-se um percurso único e estreitamente vinculado à forma que cada docente significa e dá sentido à constituição da sua profissão. Bolzan (2016) aponta que,

É no decorrer dos processos formativos, a partir da apropriação e da construção de conhecimentos acerca da profissão docente, que o indivíduo vai se apropriando dos significados compartilhados socialmente. Sendo o significado construído e definido social, histórico e culturalmente, abre a possibilidade para o sujeito apropriar-se desta construção elaborando sentidos para si. (p. 50)

Assim, a trajetória do “professor/formador” é permeada pelos caminhos escolhidos até chegar à universidade, e as atividades que desenvolve nesse âmbito. A interpretação das narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa, nos permitiram compreender os sentidos e significados, produzidos a partir destes elementos, considerando os diferentes aspectos da sua atividade.

4.1 TRAJETÓRIAS FORMATIVAS

A primeira dimensão categorial desta pesquisa caracteriza-se, como trajetórias formativas. Neste tópico, vamos abordar as narrativas que as professoras/formadoras significam e representam, suas trajetórias formativas dinamizadas pelas trajetórias pessoal e profissional e os elementos que permeiam a singularidade desse caminho, que segue se constituindo. Para Isaia (2007) apud Bolzan (2016),

tornar-se professor pressupõe um processo de aprendizagem que acompanha toda a sua trajetória, indicando sua incompletude como ser humano e como docente. Assim, a aprendizagem docente é um processo no qual o estudante necessita ter a consciência do seu inacabamento, buscando os elementos formativos que deem conta das necessidades e exigências que se apresentam no cotidiano, características de um processo relacional. (p. 51).

Um destes elementos é, como se deu a escolha pela docência, e o que mobilizou esse formador se tornar professor. Sabemos que a profissão é muito descredibilizada e pouco valorizada, apesar da sua extrema importância, contudo,

alguns fatores ainda levam a essa escolha profissional. Muito recorrente, a influência familiar traz inspiração e referências de educadores, que motiva essa escolha. Além disso, o convívio com o contexto escolar, a experiência como estudantes, professores marcantes tanto no sentido positivo como negativo, são elementos levados em conta.

Os excertos a seguir, contribuem para que identifiquemos estas características:

Ser professora sempre foi algo muito presente em toda minha vida, desde criança eu convivi com essa profissão através da minha mãe, que foi professora de educação básica da rede pública. Ela dava aula na educação infantil, nos anos iniciais trabalhava também com letras, com anos finais, dava aula no magistério, então desde a minha infância eu convivi muito com essa profissão. Eu sempre tive vontade de ser professora também, isso sempre se constituiu junto com a minha personalidade, com a minha identidade então eu optei pelo curso de Pedagogia, muito envolvida com todas essas questões da educação. (PROF. ORQUIDEA)

eu sempre quis ser professora, sempre. Me lembro da infância e me vejo dando aula para os meus colegas, meus amigos ainda na infância, deforma muito precária enfim, mas esse desejo sempre existiu. Eu vejo hoje, rememorando que esse desejo também veio, surgiu muito em função de uma tia que era professora na época da minha infância que era o meu espelho. E veja só que significante importante é esse que eu vou relatar a seguir, o que eu lembro dessa tia professora, era do diário de classe dela, um diário lindo. Ela tinha, sabe esses cadernos enormes de ata, esse era o diário dela e eu lembro de mim muito pequena sentada numa cadeira ao lado dela e ela escrevendo esse dia diário, pintando, desenhando, tinham muitas gravuras, isso me chamava muita atenção, era um diário muito colorido. Aquele diário para mim tinha vida, parecia que as coisas iam pular de dentro daquele diário, que aquelas palavras, aqueles desenhos iam falar comigo. Hoje, rememorando e eu falo para essa tia que hoje está na faixa dos 70 anos, ela foi a minha grande inspiração. Então, por isso que eu te digo, eu sempre quis ser professora, as lembranças que eu tenho é daí. (PROF. GIRASSOL)

O contato com o ambiente da escola, seja na condição de educando ou acompanhando um educador, faz parte de uma bagagem de experiências prévias à formação inicial e constituem uma influência na trajetória dos professores. Dessa forma, os processos formativos são carregados de singularidade e idiosincrasias, pois à medida que as participantes contam suas histórias, explicitam seus pensamentos e vivências. Freitas (2000, p.20) apud Bolzan (2009), enfatiza que somos “sujeitos históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura, os quais criam ideias e consciência ao produzir e reproduzir a realidade social, sendo ela, ao mesmo tempo, produzidos e reproduzidos”. (p.73)

Outro fator importante é o contato com a educação básica antes de se tornar professor universitário. Os sujeitos participantes manifestam ter passado por esta experiência, e que ela implica na relação com suas práticas.

Bem crescida, crescida, crescida eu fui trabalhar como voluntária na APAE na minha cidade tinha 16 anos e fiquei um ano lá, depois vim para Santa Maria fazer o curso de Educação Especial que era por esse caminho que eu queria ir. (PROF. GIRASSOL)

Eu sou graduada em Educação Especial, fiz na década de 90, fiz o curso de Especialização em Educação Infantil na UFN, depois eu fiz o mestrado e o doutorado na UFSM. Junto com o doutorado, comecei uma nova graduação, porque o meu campo de atuação, ele se expandiu muito, teve uma demanda muito grande no âmbito nacional. O que aconteceu, eu sou educadora especial e atuava em uma escola aqui em Santa Maria de educação especial, porque quando eu fiz Educação Especial, no meu tempo existiam as habilitações. Eu fiz habilitação para surdos, me especializei na educação de surdos, fiz um concurso no ano 2000 e comecei a trabalhar nessa escola para surdos, sempre fui alfabetizadora de surdos e a língua de sinais perpassa, tu tens que ser fluente na língua para poder ministrar aula na escola bilíngue para surdos. (PROF. LIRIO)

É um caminho bem longo, eu tenho mais de 20 anos de atuação como docente. Eu comecei com o magistério no segundo grau e assim que eu saí do magistério, cumpri o período de estágio e ao mesmo tempo eu ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Então eu tinha jornada dupla, assim como muitas de vocês tem, eu atuava nas escolas de educação infantil e por ter digamos assim, a certificação de ensino médio no magistério isso conferia a licença para atuar na educação infantil e também nos anos iniciais, eu passei a trabalhar em escolas privadas. Eu trabalhava em um turno e fazia Pedagogia em outro, inclusive levei um pouco mais de tempo para me formar em função dessa jornada dupla, de estudo e de trabalho (...). (PROF. HORTÊNSIA)

Eu também atuei como docente na escola pública depois que me formei em pedagogia, no final da graduação comecei a participar de vários projetos de pesquisa, extensão o que me levou para o caminho da pós-graduação. Lembro-me que fui aprovada no mestrado, antes de receber o diploma da Pedagogia, soube dias antes da formatura que estava aprovada no mestrado. (PROF. ORQUIDEA)

A experiência em diferentes espaços pedagógicos contribui sobremaneira para o desenvolvimento da atividade do professor. Especialmente, quando a docência vai se ampliando para diferentes etapas formativas. Logo, os conhecimentos construídos ao longo das atividades docentes serão essenciais, para a construção de variados modos de operar na formação profissional de estudantes da educação superior. Portanto, “as condições do espaço de atividade do professor são fundamentais para o sucesso do fazer docente”. (BOLZAN, 2022, Relatório final, p.88)

A busca pela formação continuada e qualificação, ao longo do processo de construção da docência, demonstra a preocupação com o desenvolvimento profissional e a necessidade de profissionais em constante evolução, que fazem parte de contextos educativos e sociais. Para Nóvoa (1999) “esse aspecto constitui a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se formam apenas

profissionais; aqui se produz uma profissão” (p.26). Nesse sentido, considera-se essencial que o professor esteja aberto e disponível para ampliar sua aprendizagem, colocando-se diante dos desafios e enfrentamentos da docência na educação superior. Este aspecto à qualificação está presente nas falas que seguem:

A docência foi construindo esse meu caminho e vou te dizer que todas as minhas problematizações enquanto docente, sempre foram permeadas pelo caminho da pesquisa, primeiro na educação básica sobre as práticas pedagógicas, a gestão, o projeto político pedagógico. Na universidade que fiz meu doutorado, a pesquisa foi voltada para o ensino superior, também tencionando as práticas pedagógicas, a interlocução com as políticas públicas, como isso vem se construindo e como interfere na gestão pedagógica de cada instituição onde estamos, então a cultura institucional ela difere muito e impacta no trabalho do professor. (PROF. HORTÊNSIA)

Finalizei a Educação Especial, vi que o curso faltava algo no sentido de que hoje eu sei disso, que eu não queria saber só da técnica, queria saber do sujeito aluno e não que tenha faltado no curso, talvez eu não tenha conseguido captar na época, então fui para a Psicologia. Porque pensava que a Psicologia me daria esse aporte teórico para entender o sujeito por trás da técnica. Finalizei a Psicologia e fiz mestrado, doutorado na área da educação porque o meu grande, falo de novo em desejo por ser o que me movimenta, aliar psicanálise e educação. Então hoje eu trabalho nessa área e é o link que eu faço, foi o que a Psicologia me deu, fora os subsídios que a Psicanálise nesse percurso dá a Psicologia, me ofereceu em termos de aporte teórico para ler esse estudante hoje, todo o processo de formação e essa é a minha área. (PROF. GIRASSOL)

Eu optei pelo curso de Pedagogia na Universidade Federal, Pedagogia Educação Infantil, na época tinham habilitações específicas, diferente de como é hoje. O início do curso sempre é um pouco mais maçante, naquela época era extremamente teórico o início, mas depois eu fui me identificando cada vez mais tendo certeza da profissão. Tão logo que entrei no curso de Pedagogia, eu já tracei minhas metas para pós-graduação, disse que queria continuar estudando, fazer mestrado, doutorado e seguir estudando. (PROF. ORQUIDEA)

Eu me tornei professora acredito que foi buscando a qualificação, desde a minha primeira graduação que foi na década de 90 em Educação Especial sempre procurei fazer cursos de formação, sempre estive voltada ao estudo, me qualificando e consigo olhar para essa trajetória e ver que assim que venho me formando, a minha formação contínua, ela permanece sempre, então sempre buscando essa qualificação profissional, nunca parado e estagnado. (PROFLIRIO)

Nesse sentido, a professora Lírio deixa bem claro, que se torna docente buscando esse processo de qualificação e agregando a sua prática educativa. Assim como, a professora Girassol parte para outra área de formação; a professora Hortência envolve-se no processo de pesquisa e a professora Orquídea, traça metas para a pós-graduação. Para Imbernón (2011, p. 47), esse movimento de

desenvolvimento profissional é conceitualizado, como “qualquer intenção sistemática de melhorar a prática profissional, crenças e conhecimentos profissionais, com o objetivo de aumentar a qualidade docente, de pesquisa e de gestão”.

É dentro desse desenvolvimento, que os processos de ensino e de aprendizagem vão sendo construídos, revisitados e avaliados. Esse movimento de constituição docente serve de estímulo para melhorar a prática e o desenvolvimento pedagógico, incrementando e beneficiando o ensino de futuros docentes.

Com uma evolução acelerada da sociedade, que implica na mudança do contexto da escola, agregar e crescer de práticas significativas torna-se imprescindível. O profissional da educação, que está em formação agora e dentro da universidade, com essas professoras, futuramente estará em sala de aula, dentro do processo educativos de muitos sujeitos, e se deparando com muitos contextos. Segundo Imbérnon (2011, p. 9), “consequentemente, se a educação dos seres humanos, pouco a pouco se tornou mais complexa, o mesmo deverá acontecer à profissão docente”.

Considerando isso, o processo educativo torna-se cada vez mais complexo e carregado de responsabilidade em reafirmar a importância da profissão docente, mediante os impactos das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino. Libâneo (2011, p. 9) pontua que “não há reforma educacional, não há proposta pedagógica sem professores, já que são os profissionais mais diretamente envolvidos com os processos e resultados da aprendizagem escolar”. E isso se estende a universidade.

Ser professora universitária carrega a importância e os desafios, dessa atuação. As narrativas nos fazem pensar, sobre esses elementos:

Eu acho que ser professor na universidade é transmitir marcas, marcas simbólicas. Transmissão no sentido de formação de uma objetividade, como eu me vejo professora hoje, temos todo um aporte teórico com relação às disciplinas que ministramos, mas eu percebo que essa transmissão que eu falo, vai muito além do conhecimento, disso que a gente passa em termos de gritos e teoria. Tem um pesquisador que fala, e eu gosto muito disso que ele fala, que o aluno aprende porque capta no nosso olhar o brilho que a gente carrega, então o que faz o aluno aprender dentro das coisas é o brilho no nosso olhar. Ser professor para mim hoje, é poder participar da estruturação subjetiva desse aluno, não só transmitindo uma técnica, um conceito, porque essa transmissão é algo que ultrapassa um campo, que vai além da pedagogia, vai além desse campo da educação, é de um sujeito aprendente que a gente fala. (PROF. GIRASSOL)

Isso foram questões difíceis para mim, poder entender essa lógica de como funcionavam os cursos, a parte pedagógica, mas eu já estava credenciado no programa de pós-graduação em Políticas Públicas. Ali nós temos um trabalho bem integrado, um grupo coeso, tentamos construir esse diálogo entre os

professores, um planejamento participativo, eu me encontrei muito dentro desse programa, criei meu grupo de pesquisa, essa articulação com a educação básica por ser orientadora do mestrado profissional, porque são professores da educação básica que eu oriento. Isso para mim foi muito importante, esse vínculo com os meus colegas da rede, me trouxe um conforto, um diálogo constante, sempre tive muito clara quanto professora formadora a minha responsabilidade com a escola, onde eu me constituí docente, construí minha carreira, fiquei 23 anos atuando na escola, na periferia. Essa experiência me trouxe conhecimentos que nenhuma academia me traz e tenho muito orgulho, só vivendo isso para entender como é o cotidiano, as dificuldades e esperanças que se tem enquanto professora da educação básica. (PROF. HORTÊNSIA)

Nesse meio tempo fui fazendo doutorado e exercendo a função de professora substituta, então isso foi caminhando muito junto comigo, essa vontade de ser professora Universitária, sendo que, as minhas primeiras experiências como professora substituta, foram muito enriquecedoras profissionalmente. Eu gostei muito dessas experiências, principalmente pelo fato de ter atuado em escolas tornando possível articular as experiências e dar exemplos cotidianos das situações que vivenciei com as crianças. Eu me sinto bastante feliz trabalhando com o ensino superior, considero que esse lugar que a gente ocupa de professora universitária em uma universidade pública, gratuita é um lugar que nós temos um papel social muito importante, eu valorizo muito o espaço público. (...) então, penso que exercer essa função na universidade pública envolve muito você, e relaciona-se com uma outra pergunta, como que você vê esse processo de ensinar e aprender? É um processo que envolve muito conseguir trabalhar com dimensões críticas e reflexivas dos estudantes, esse espaço público permite o convívio com a diferença, com a diversidade e é algo que enriquece muito o trabalho, tanto do professor quanto dos processos educativos que ocorrem entre os próprios estudantes. (PROF. ORQUÍDEA)

porque eu fui professora em sala de aula da educação básica e lá eu era professora, não tinha que dar conta do sistema, era docente dona da minha sala de aula, chegava ficava às 4 horas com meus alunos, amando aquele trabalho como sempre amei e pronto. (PROF. LIRIO)

Para além do campo da Pedagogia, a professora Girassol ressalta que ser professor hoje, é participar da estruturação subjetiva do sujeito, indo além do conhecimento. Da mesma maneira que a professora Orquídea salienta que esse processo envolve trabalhar com as dimensões críticas e reflexivas dos estudantes.

A professora Hortênsia, ressalta aspectos importantes dessa formação ser em conjunto com a educação básica, demonstrando que essa construção deve ser entendida como um todo, de uma classe que tem importância no processo educacional de tantos sujeitos.

Segundo Nóvoa (1999),

A afirmação profissional dos professores é um percurso repleto de lutas e de conflitos, de hesitações e de recuos. O campo educativo está ocupado por inúmeros actores (Estado, Igreja, famílias etc.) que sentem a consolidação do corpo docente como uma ameaça aos seus interesses e projectos (p. 21)

Esses desafios e enfrentamentos do cotidiano, também são relatadas pela professora Lírio, que aponta obstáculos que não encontrava na educação básica e agora se depara na educação superior. Pois, na educação superior a realidade dos estudantes é bastante diversa, além dos diferentes perfis que são desenhados para cada curso. Para Braun (2020)

Essa diversidade, visível e latente na educação do século XXI, impacta diretamente no entendimento sobre ensinar e aprender, principalmente na organização e no desenvolvimento do trabalho pedagógico docente, uma vez que são muitas as particularidades e singularidades que constituem a sala de aula a partir de diferentes vivências, experiências e obstáculos dos estudantes. (p. 157)

Neste sentido, observamos que os processos formativos precisam levar em conta os contextos diversos e a multiplicidade de culturas tanto na educação básica, quanto na educação superior.

4.2 ATIVIDADES DA DOCÊNCIA

A segunda dimensão categorial desta pesquisa apresenta-se como as atividades da docência. Essa dimensão compreende as demandas do trabalho do professor e do conjunto de ações desenvolvidas na docência, o início da carreira e as interferências no trabalho pedagógico.

A profissão docente comporta elementos, além dos saberes e fazeres em sala de aula, perpassando o planejamento, sua organização, a prática pedagógica e a avaliação, se trata de

uma perspectiva mais ampla, englobando os desafios, as exigências e as possibilidades da profissão docente e do tornar-se professor, de modo a articular a atuação profissional relacionada tanto à docência como à gestão da dinâmica organizacional da instituição. (BOLZAN, 2016, p. 59)

Dessa forma, o trabalho pedagógico é atravessado por essas demandas que fazem parte da organização institucional, muitas vezes, ocupando um espaço que poderia ser utilizado para pensar o ensino e a qualificação profissional.

As narrativas a seguir, nos fazem pensar sobre essas exigências.

Na verdade, quando nós prestamos o concurso dentro de uma universidade pública, temos o compromisso de trabalhar com o tripé do ensino, da pesquisa e da extensão, e além da docência que são atividades específicas de ensino também atuamos na gestão. Eu escolhi trabalhar com projetos de pesquisa, produzir e atuar nos programas de pós-graduação, para isso tenho que dar conta da minha produção científica, ter produtos qualizados, capítulos de livros, trabalhos técnicos, atualizar o Lattes, fazer relatório para a plataforma Sucupira para avaliar os programas de pós. Então, a gente como professores do ensino superior temos uma demanda muito grande de trabalho e o que tenciona são essas exigências que temos, principalmente

na produção científica é uma exigência muito grande. (PROF. HORTÊNSIA)

a universidade demanda muita produção da gente, então tá sempre correndo atrás, estudando, lendo porque tu precisas ter competência para permanecer nesse cargo, para ter a tua progressão dia e essa é uma realidade, isso que é da contemporaneidade que nos faz correr atrás muito disso, porque precisamos manter nossa carreira de nível e subir, ascender que essa coisa da escuta do outro, acaba ficando em segundo plano. Então às vezes não temos esse espaço, nem dentro do departamento, não porque talvez não queiramos, mas porque realmente as condições fazem com que a gente se ocupe de outras questões burocráticas, ligados ao próprio ensino, fazendo com que nos esqueçamos de nós mesmos. (PROF. GIRASSOL)

Ser professor na Universidade é um desafio constante, porque não é uma questão de você dar aulas, passar conteúdos, é buscar situações que mobilizem a reflexão, o pensamento, que possa ter uma articulação com as experiências de vida desses sujeitos. Agora estamos enfrentando uma situação de controle absurdo, temos que mandar os planos de ensino antes de começar as aulas com vocês, tem que ser fiel ao que está na ementa (PROF. ORQUIDEA)

Ser professor na universidade é um campo tão grande, como te falei antes, é ter consciência que tu precisas atuar no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão, assumir determinadas atividades, tarefas, comissões, transitar um pouquinho questões de legislação, então essas comissões tomam muito da gente. Então, ser professor na universidade é ter essa consciência dessa amplitude que é a minha ação, minha tarefa profissional em função de que ela não se reduz na sala de aula, ela também é sala de aula e tem que dar conta de um universo maior e para além disso, quando eu tenho atividades de algumas comissões, tenho que participar dessas comissões, desenvolver atividades de gestão, isso faz parte do meu trabalho, da minha atuação como professora da UFSM. (PROF. LÍRIO)

A atuação do professor universitário, além de comportar um conhecimento pedagógico específico e um compromisso ético e moral com o processo de aprendizagem, precisa atender também a outras instâncias. No quadripé universitário, temos as atividades relacionadas ao ensino, pesquisa, extensão e gestão, e a professora Hortênsia elucida isso, ao dizer que ao prestar um concurso público tem o compromisso de trabalhar com todas essas incumbências, além das exigências e as extensas demandas de atividades que a carreira lhe impõe. Conforme, Dewes (2019), apud Bolzan (2021),

Mesmo que para muitos isto seja justificável em função da dedicação exclusiva, entendemos que essa sobrecarga precisa ser urgentemente colocada em pauta, tanto para ser contabilizada efetivamente, indicando as implicações do trabalho do professor universitário, como para que isso seja discutido e considerado no âmbito do desenvolvimento profissional docente. (DEWES, 2019, apud BOLZAN, 2021, p. 167).

A professora Girassol também destaca a demanda de produção, para estabilidade profissional dentro da instituição, assim como, a ocupação com as situações burocráticas é priorizada, colocando em segundo plano a própria organização do trabalho pedagógico. Ao encontro disso, a professora Lírio,

exemplifica que se trata de uma tarefa profissional ampla, não se reduzindo a sala de aula, assim como, a professora Orquídea, evidencia como um desafio constante não sendo só uma questão de dar aulas e passar conteúdos, refere-se a algo de maior abrangência.

Essa multiplicidade de processos, datados de exigências burocráticas e ações, distancia a profissão docente dos seus saberes e fazeres, interferindo no trabalho pedagógico. Conforme, Imbérnon (2011),

Essa crescente complexidade social e formativa faz com que a profissão docente e sua formação também se tornem, ao mesmo tempo, mais complexas, superando o interesse estritamente técnico aplicado ao conhecimento profissional, no qual o profissionalismo está ausente, já que o professor se converte em instrumento mecânico e isolado de aplicação e reprodução, dotado apenas de competências de aplicação técnica. (p. 54)

Tais implicações atingem a identidade do professor, que foi adquirindo cada vez com mais frequência, um caráter administrativo, corporativo e funcionalista. Essas inferências acabam sendo parte da atividade docente, como as professoras destacam:

Na universidade, tem coisas que não são compatíveis, não agregam em nada minha sala de aula, em nada no meu campo do saber, que às vezes até fico pensando “ah, me desvia”, inclusive faz isso porque toma meu tempo, eu não consigo ficar lendo o que gostaria de ler, estudando, fazendo planejamento, organizando didáticas, dinâmicas de sala de aula e não consigo fazer isso, porquetenho que desenvolver uma atividade profissional que é para além disso. Todos esses lugares que vamos assumindo dentro da universidade como professor, nãoé algo compatível com meu trabalho, porque o meu trabalho como professor na UFSM é mais amplo, tem mais demanda. (PROF LIRIO)

No ensino superior a gente tem muitas demandas, tanto de ordem do ensino, quanto de ordem da pesquisa, da extensão. São uma série de coisas que nos exigem bastante e nem sempre a gente consegue dar conta de uma forma tranquila. Essa área que eu atuo, que a da Educação Infantil, é uma área que temuma demanda muito grande de orientações de estágio, além das disciplinas teórico/práticas de metodologia. Isso consome muita a gente, principalmente porque a carga horária prevista no PPP e a carga horária que conta para gente numa orientação de estágio, é muito pequena, ela não é o real, não é o que de fato a gente ocupa para realizar uma orientação e realizar uma supervisão de estágio. (PROF. ORQUIDEA)

Sim, as demandas são enormes e chega uma hora que a exaustão toma conta, porque eu me vejo muitas vezes, me via antes e agora com essa situação que estamos vivendo mais ainda, cansada. Porque como as demandas são muitas a gente, agora em home office e antes também, não é só em função da pandemia, trabalhamos muito fora daquele horário que estamos na universidade. Então professor chega em casa e ele estuda, prepara sua aula, corrige TCC, tem artigos, revistas, enfim é uma demanda que tem vezes que nos esvazia (PROF. GIRASSOL)

A professora Hortênsia destaca um elemento importante relacionado à sua trajetória com a atividade docente, em uma instituição privada que, trata os professores como horistas, deixando a atuação ainda mais exaustiva. Tolfo (2017)

destaca que, grande parte dos professores tem uma elevada carga horária, o que acarreta, por consequência na diminuição das possibilidades de qualificação profissional, assim como, estudo, preparo e organização das aulas. (p.55).

A docência sempre é como é uma instituição privada é sempre interessante dizer, que quando trabalhamos nessas instituições privadas somos professores horistas equanto mais carga horária tu tens, mais encargos tu recebes consequentemente em termos financeiros é bom para o professor. Se tu olhares para o mal-estar dentro disso, é muito grande, porque é um esgotamento físico, intelectual, imaginaalguém trabalhar 30 como gestora e até mais 30 de ensino no outro período. A sala de aula é algo muito forte e traz um esgotamento muito forte, eu só diminuo um pouco a minha carga horária de ensino quando fui trabalhar como gestora naUFN, que quando você ocupa esse cargo tem 20h de gestão, mas as outras 20h é de ensino, de sala de aula, projetos, orientação de estágio. A atuação na rede privada de ensino superior é bem exaustiva. (PROF. HORTÊNSIA)

A carga horária para além do previsto, também é exposta ao longo das narrativas, não correspondendo às ações executadas e não sendo contabilizadas, assim como, as atividades em comissões, bancas etc. Evidência, como afirma Bolzan (2021), “uma excessiva carga de trabalho que os docentes assumem em sua profissão, que não correspondem as informações que estão publicadas na página oficial da instituição” (p. 105). Há um descompasso entre as atividades realizadas e aquelas que ficam nos registros institucionais, gerando um desconforto entre professores e gestores, que desenvolvem e acompanham o trabalho na instituição, mas nem sempre contabilizam tais atividades. A professora Orquídea relaciona essas questões ao início de carreira como professora universitária, em que existe um excesso de responsabilidades e atividades.

fora as comissões que temos que participar e assim, tem sido bastante exaustivo esse meu início na universidade, porque infelizmente, não sei se é uma característica do nosso departamento. Falam brincando, mas os professores novos que chegam enfrentam uma espécie de batismo, com o acúmulo de disciplinas que é algo fora do sério. Quando eu assumi como efetiva, tive que ministrar uma quantidade expressiva de disciplinas, inclusive, que não faziam parte do meu concurso, porque acabaram acumulando e passando tudo para o professor novo. Como você recém começou, está muito feliz e muito agradecido por ter conseguido entrado naquele espaço, você dá conta. Depois, aos pouquinhos, com o tempo você vai conquistando seu espaço e as coisas vão melhorando um pouco, mas essa demanda de trabalho grande a gente enfrenta como área de Educação Infantil. (PROF. ORQUIDEA)

Esse “batismo de fogo” é manifestado pelos colegas nos diferentes departamentos da nossa instituição. Observamos que essa realidade está presente em muitos espaços, ficando o foco no ensino em detrimento das demais atividades docentes. Em consonância com isso, Braun (2020), afirma que

Essas demandas e desafios ficam mais latentes quando tratamos dos

professores iniciantes, pois ainda estão em movimento de mobilizar saberes nos seus fazeres diários, tentando alternativas e buscando formas de atender às cobranças da docência para além dos desafios e das necessidades pedagógicas, isto é, do planejamento, preparação e execução de aulas e disciplinas que, como é possível reconhecer na narrativa anterior, demandam uma extensa dedicação de tempo e trabalho. (p. 173)

Perpassando pela amplitude das diversas atividades da docência, a forma de organização e os diversos fatores para além da atuação, impactam diretamente a atuação e organização do trabalho pedagógico dos professores/formadores. Segundo Imbérnon (2011, p. 117), “o que se oferece é uma visão de uma profissão assalariada, mais administrativa que intelectual, e sumamente dependente dos poderes públicos ou privados”.

Dessa forma, a identidade do professor como sujeito capaz de criar conhecimento profissional, é limitada a uma imagem de incapacibilidade, que se enquadra a reprodução de conhecimento, com um caráter de execução de tarefas. Essa visão afeta inclusive a autoimagem dos professores, que acabam não se reconhecendo dentro da própria profissão e tendo, uma cobrança pelos níveis de qualidade do seu trabalho. Para Jesus (1998),

O processo de ensino-aprendizagem não decorre com a qualidade desejada, não porque os professores não estejam motivados, ou não saibam o que fazer, mas porque não há condições que permitam implantar essa qualidade. (p.27 apud TOLFO 2017, p. 57)

Esses “mesmos índices que cobram um ensino qualificado, afirmando que são exigências do mundo contemporâneo, de competência e sobrevivência profissional” (Libanêo, 2011, p. 50), acabam não buscando melhorias das condições de trabalho e bem-estar dos docentes.

Considerando todos esses elementos até aqui explorados, nas duas dimensões, vale referir que é preciso olhar com mais atenção às condições do trabalho do professor, que podem levar ao mal-estar docente.

4.3 EIXO TRANSVERSAL: MAL-ESTAR DOCENTE EM DESTAQUE.

O professor universitário é responsável pela formação de futuros profissionais, tendo grande importância no processo de transformação social. Esse trajeto até chegar à universidade, é permeado pela subjetividade de cada sujeito, dentro da sua trajetória e constituição do ser docente, assim como é atravessado pelas atividades da docência, essas que se constituem como as ações que precisam ser desempenhadas, após assumir esse cargo.

Essa relação, entre a atuação docente a sua complexidade, segundo Libânêo

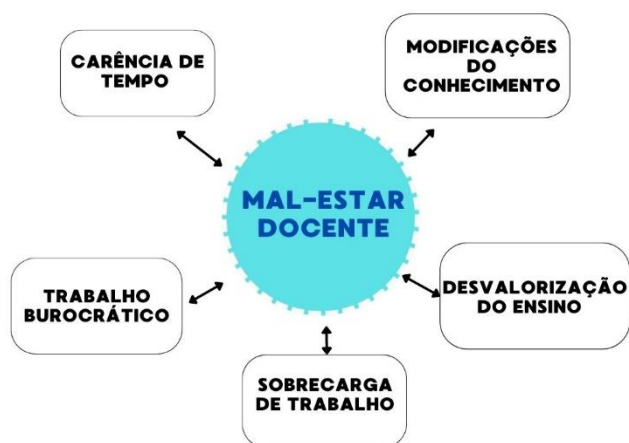
(2011, p. 29) se trata das novas exigências educacionais pressionam a capacidade de ajuste da didática a novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação.

Ao longo das narrativas, elementos tensionadores da sobrecarga do trabalho docente e falta de tempo, para essa qualificação, é muito evidente. O excesso de atribuições é elencando e constitui um dos fatores, que levam ao mal-estar.

Entre as causas do mal-estar docente podemos assinalar o que já é constatado em estudos destes autores citados, em nível internacional, bem como em nossos estudos aqui no Brasil: – carências de tempo suficiente para realizar um trabalho decente se acrescem as dificuldades dos alunos e aulas cada vez mais numerosas; – trabalho burocrático que rouba tempo da tarefa principal que é o ensinar e é fator de fadiga; – descrença no ensino como fator de modificações básicas das aprendizagens dos alunos; – modificação no conhecimento e nas inovações sociais como desafios que provocam grande ansiedade e sentimento de inutilidade. (STOBAUS; MOSQUERA; STERENDOS, 2007, p. 263)

Para elucidar os principais elementos que constituem o mal-estar docente, construímos uma infográfico para melhor visualização.

Figura 1- ELEMENTOS QUE CONSTRUEM O “MAL- ESTAR DOCENTE”



Fonte: elaborado pela autora, a partir do estudos de Stobaus; Mosquera; Sterendos, 2007.

Esses sentimentos acabam afetando diretamente a autoimagem do professor e não oferecendo um contexto de lhes propicie, valorização e reconhecimento. Assim, o desenvolvimento do sentimento de bem-estar dentro da profissão, não é alcançado e reflete por consequência no seu contexto educacional.

Nesta direção, Tolfo (2017) ressalta que,

É importante destacar que os docentes deveriam ter condições de desfrutar de um contexto que lhes propicie valorização e reconhecimento a fim de que possam desenvolver sua autoestima, autorrealização e autoimagem de forma mais realista, refletindo por consequência no seu contexto educacional, num ciclo que se renova e se retroalimenta continuamente. (p.68)

A despersonalização do professor e não reconhecimento dentro da sua autoimagem, acabam conduzindo ao adoecimento e assim, o mal-estar acaba revelando um quadro preocupante diante do exercício da docência.

As narrativas a seguir, nos fazem pensar sobre a conceitualização de mal-estar, segundo entendimento das professoras:

Para mim, mal-estar é justamente quando se tem um clima de divergências com os teus colegas, não no campo epistemológico, mas diante de questões que tem a ver com um certo empoderamento das pessoas e isso me incomoda muito em relação a questão do mal-estar. Muitas vezes essa sobrecarga de trabalho, que temos os prazos para cumprir e em relação a pandemia, isso tem me gerado um mal-estar grande, por ter ficado diante das telas muito tempo, isso deixa a gente exaurida. Temos as atividades de ensino, pesquisa, os prazos a serem cumpridos, TCC's, monografias, dissertações... ficamos ilhados, no nosso mundinho quadrado do computador, do escritório, estamos vivendo em um momento atípico. Em relação a minha vida toda pregressa de docente, o mal-estar geralmente circunda nesse sentido, muitas vezes é essa falta de diálogo entre os colegas, clima pesado, a mistura do pessoal com profissional, para mim isso é extremamente cansativo. (PROF. HORTÊNSIA)

Mal-estar... acho que é um conjunto, são consequências psíquicas que essa profissão acaba reunindo, vindas então de um campo que é social, quando a gente diz que a sociedade impõe que sejamos professores competentes, questões políticas, sabemos muito bem disso, de políticas quando a gente diz de um governo que tem políticas de formação de professores. São questões que se unem tanto questões sociais, quanto políticas, quanto psíquicas a união disso tudo faz com que adoecemos. Então isso para mim é mal-estar, esse conjunto de coisas. (PROF. GIRASSOL)

De uma forma mais específica, fiquei pensando quando eu li o teu roteiro da entrevista, tem algumas coisas que eu já vivenciei ali na universidade, que também podem dar mal-estar alguns momentos, uma delas é o que mencionei antes, esse excesso da carga horária que a demanda real não condiz, não é compatível com a carga horária que é lançada para gente, é uma demanda muito maior. (PROF. ORQUIDEA)

tem as situações que pode me causar algum mal-estar, por exemplo, existem algumas comissões, que o trabalho daquela comissão não me deixa feliz, eu não gosto de fazer aquele trabalho, eu sinto dor quando chamam para reunião, quando tem que decidir, avaliar determinadas coisas sabe e que simplesmente eu não gosto daquele papel, daquele trabalho. Quando eu tenho que ajudar a pensar sobre a vida acadêmica dos alunos, isso me alimenta isso, eu gosto muito de fazer, então tem algumas ações, atividades, tarefas que eu preferia não fazer, porque elas não me dão esse alimento que eu te falei, de movimento, de vida. Tem coisas que não são boas para mim, então eu tenho que ser seletiva ao máximo, eu tenho essa consciência de que eu não gosto, não me faz bem, mas eu preciso fazer, entende que não é sempre, esse trabalho também faz parte da minha tarefa, do meu trabalho. (PROF. LÍRIO)

Perpassando pelas políticas que influenciam diretamente no contexto educacional, as narrativas contemplam também, o excesso de carga horária e de demandas. A professora Hortênsia manifesta que a falta de diálogo com os colegas, é um dos elementos que faz com que o mal-estar circunde a sua vida no trabalho docente. A professora Girassol ressalta que, se trata de um conjunto de consequências psíquicas, que a profissão acaba reunindo, principalmente, no que se refere à cobrança da sociedade e às condições políticas que são oferecidas. A professora Lírio, em consonância com a professora Orquídea, salienta que as

demandas e as atividades burocráticas, envolvidas no trabalho docente e pedagógico são muitas.

A falta de diálogo explicita a importância da criação de espaços para que as pessoas possam compartilhar de diferentes culturas, a fim de que a solidão pedagógica não afete os professores.

A solidão pedagógica aqui é entendida como a “ausência de espaços institucionais, voltados para a construção de uma identidade coletiva de ser professor na qual o compartilhar de experiências, dúvidas e auxílio mútuo favoreçam a construção do conhecimento pedagógico compartilhado” (BOLZAN; ISAIA, 2006, p. 491).

Assim, Esteve (1994) apud Tolfo (2017),

ressalta a importância de serem articuladas estratégias que possam auxiliar o professor durante sua práxis, apontando o diálogo entre os pares como um elemento fundamental, pois o isolamento aparece como uma das características mais comuns dos docentes afetados pelo mal-estar. (p.50)

A falta de trocas também é sinalizada nas narrativas de outras professoras, ressaltando a importância dos espaços de diálogo e de escuta, no qual a cultura do compartilhamento se faz tão importante, e pode contribuir com um papel fundamental para o bem-estar docente.

Esse espaço de diálogo eu o vejo como bastante diminuto, porque o que acontece, às vezes nós não encontramos os nossos colegas no turno em que estamos essa é uma dificuldade. Cada um de nós, quando escutamos esse outro é de nós que ele fala, então esse momento de escuta, de conversação o que acontece, eu consigo fazer um giro nessa minha posição de queixa e passa a ouvir esse outro quando (PROF. GIRASSOL)

Eu sinto falta desse espaço que acontece um diálogo maior e não é que as minhas colegas não tenham disponibilidade, é que não é rotineiro que aconteça isso. Mas, ter mais espaços para o diálogo, realmente é uma coisa que eu sinto falta desde que eu entrei na UFSM, até comentava com meus colegas brincando que sentia falta da sala dos professores, porque é um espaço que acontecem muitas coisas, claro, mas você enxerga as pessoas, socializa, comenta e na universidade é cada um mais na sua. (PROF. ORQUIDEA)

Claro, que tu sempre tens assim um colega mais chegado, um amigo com quem que vais conversar mais, mas, hoje o que eu percebo, eu adoraria que houvesse na universidade, no departamento, não sei, um espaço de escuta para o professor, eu chamaria até de um espaço de conversação, quando é que essa palavra pudesse circular e que no Centro de Educação não tem algo específico para esse tipo de coisa, esse acolhimento, se tu veres antes da pandemia eles construíram uma sala de convivência para os professores, porque chegamos na universidade e cada um vai para a sua sala, nos encontramos somente nessas reuniões. Não temos esse espaço para conversar sobre outras coisas, aquele momento mais descontraído entre os colegas, quando eu estava na privada os alunos tinham intervalo porque as aulas eram à noite, então nós saímos da sala de aula nesse intervalo e iam para essa sala de convivência, lá tinha café, conversamos, o que aqui não tem isso, cada um vai para a sua sala e convive só com os colegas que ficam na mesma sala que você e os demais tu não convives. Sei que a gestão tentou fazer isso, mas está tão forte na cultura que o pessoal não vai, fica cada um no seu quadrado. (PROF. HORTÊNSIA)

Assim, evidencia-se a relevância de um ambiente de colaboração e interação social, no qual o compartilhamento de problemas, fracassos e sucessos com os colegas, seja parte das atividades da docência. Dessa forma, abandona-se uma cultura individualista e se constrói espaços de compartilhamento. Para Imbernón (2011),

essa crescente complexidade social e educativada educação (ainda maior no futuro) deveria fazer com que a profissão docentesse tornasse, em consonância, menos individualista e mais coletiva, supe profissional, em que a colaboração entre companheiros está ausente, já que o professor se converte em instrumento mecânico e isolado de aplicação e reprodução, com algumas competências limitadas à aplicação técnica em sala de aula. (p.71)

Esse é um dos elementos que integram o conjunto que a profissão acaba reunido, como ressalta a professora Girassol, dessa forma, também é importante sobre as condições, cobranças e demandas exigidas. Ela traz a relevância que é cuidar da subjetividade do professor

Então, cuidar dessa subjetividade do professor eu vejo também como sendo, deveria ser uma das preocupações da Universidade. Chega uma hora que é um rolo compressor, é muita coisa e esse professor acaba ficando esquecido por essa instituição, que às vezes também não consegue direcionar o olhar para questões psíquicas desse professor, então tem horas que a coisa pesa (PROF. GIRASSOL)

A vista disso é preciso trabalhar cotidianamente as questões relativas à autoimagem e à autoestima, pois conforme Timm, Mosquera, Stobaus (2008),

o processo de auto-subjetivação docente, admite entender que se trata de um ser humano que, por não ser invulnerável, não está imune às adversidades e que, quando atingido, mesmo que suporte porque desenvolveu formas para lidar com isso, não sairá ileso (p.43)

O impacto destes sentimentos também, podem se manifestar de forma física, muitas vezes não sendo relacionadas ao mal-estar propriamente dito, mas aparecendo de outras formas.

As professoras Hortênsia e Lírio manifestam as experiências acerca disso

Todo esse mal-estar, essas sensações, emoções que fizera com que eu me sintia mal naquele período, elas vieram para o meu corpo somatizadas em forma de dor, sentia dor no pescoço, nos braços sinto muita dor e não sei o que é, podese falta de atividade física que não faço mais. Eu fico só na frente do computador, todo o tempo trabalhando, não tenho mais um tempo para mim, essa dor nos braços pode ser estresse, falta de uma atividade física e pode ser algo somatizado, algo que meu corpo esteja desenvolvendo e eu não saiba, mas achoque tem relação com meu trabalho, tenho certeza disso. Porque pensa bem, o dianteiro na frente do computador, não saio de dentro de casa para nada, não vou nem no supermercado, é tudo por aplicativo, tu não vais em lugar algum porque simplesmente estou em casa, em distanciamento social, não saio de dentro da minha casa. Fico trabalhando o tempo todo, não tirei férias e não estou em férias, meu marido está em casa em férias, fica fazendo comida, me trazendo lanche, essas coisas porque não saio daqui. Não sei se essa dor tem alguma relação comtudo isso que eu estou vivendo no meu trabalho ou não, então eu marquei médico

para próxima semana para tentar descobrir o que é isso, o que é essa dor. (PROFLIRIO)

Agora tu me trouxeste uma coisa que eu não havia pensado, tu fizeste a pergunta de mal-estar e eu fiquei pensando. Eu tenho algo que um mal-estar presente e muito forte, isso eu carrego a muito tempo. Eu tenho tensão mandibular, então qualquer coisa que eu fico estressada, tudo sobrecarrega a minha mandíbula e já fiz vários tratamentos, mas é bem psicológico. Pode saber, quando eu fico estressada, que eu vou para uma reunião que não anda e nem desata, saio demolida da reunião, dói a cabeça, os dentes. Pra ti ter ideia já tive 3 fraturas de dentes por causa dessa tensão mandibular, que é devido todo o mal-estar que eu vivo, tanto no profissional quanto no pessoal, já fraturei dentes inteiros, tenho que usar direto placa. Antes de entrar no período pandêmico eu ia ser objeto de estudo da Odonto, me inscrevi no projeto para entrar no projeto de tensão mandibular de tanto que isso assola minha vida. (PROF. HORTÊNSIA)

O comprometimento da saúde mental e física do professor, demonstra elementos tensionadores da sobrecarga do trabalho docente, falta de tempo para a qualificação e exigências profissionais. O excesso de atribuições, é elencado e constitui um dos fatores que leva ao mal-estar. Para Tolfo (2017)

ao assumir muitos papéis, o professor acaba tendo uma sobrecarga de responsabilidades, levando-o à frustração e a vontade de abandonar a profissão, fato este, que não ocorrendo, por representar sua estabilidade financeira e profissional, o faz adoecer e se sentir impotente diante das exigências que a profissão lhe impõe. (p. 66)

Essa condição afeta inúmeros docentes em sua atuação, fazendo com que, cada vez mais na contemporaneidade o mal-estar esteja presente. Souza e Santos destacam que

Atualmente 48% dos educadores, praticamente metade deles, sofrem com algum sintoma de Burnout, uma síndrome da desistência de quem ainda está lá, já desistiu e ainda permanece no trabalho. Essa questão é tão séria que um a cada quatro educadores sofrem de exaustão emocional, segundo Codo (1999, p. 238). A síndrome é entendida como um conceito multidimensional que envolve três componentes: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho. (SOUZA; SANTOS, 2016, p. 87)

De acordo com Souza e Santos (2016), é cada vez mais comum a figura do professor frustrado, com o sistema que rege a educação e com a constante evolução da sociedade, que cobra deste profissional mudanças rápidas, certas e carregadas de demandas. Esse ritmo de trabalho, perpassa os diversos níveis de ensino, na qual a extensa carga de trabalho incide diretamente nos processos de ensino e de aprendizagem.

O professor universitário, responsável pela formação de outros sujeitos, inclusive futuros professores, compreende e constitui importantes processos de transformações profissionais. Para tanto, é cobrado constante evolução na carreira e atualização, contudo Libâneo (2011) evidencia que

Não são apenas os professores das redes públicas que estão perdendo o interesse pelo magistério ou deixando a profissão. Também nas universidades os pesquisadores que se dedicavam ao estudo de questões do ensino e da sala de aula estão preferindo temas mais gerais, análises críticas globalizantes. Está diminuindo sensivelmente o interesse pelas práticas de ensino, e não faltam pesquisadores superengajados na denúncia das mazelas do ensino, da interferência de organismos internacionais, que lançam olhar de desdém sobre as pesquisas voltadas para a sala de aula. Ou seja, a desvalorização econômica e social do magistério, além de comprometer o status social da profissão, também retira o status acadêmico dos campos de conhecimento que lhe correspondem, tornando o ensino uma linha de pesquisa menos “nobre”. Não é casual, por exemplo, a pouca valorização dos cursos de licenciaturas nas universidades e a insuficiência de pesquisas nesse campo. (p. 92)

Nessa perspectiva, o autor refere que é fundamental estarmos atentos às mudanças de concepção e de estrutura tão necessárias, capazes de proporcionar efeitos positivos no exercício da docência. É preciso pensar e incentivar formas de amenizar esse sentimento, oferecendo melhorias nas condições de trabalho, proporcionando saúde e qualidade de vida, refletindo sobre a sua autoimagem, incentivando a cultura do compartilhamento e do cuidado de si. Estas são algumas possibilidades, que pode auxiliar nesse processo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscamos, compreender e refletir acerca do mal-estar docente do professor universitário, tendo como foco olhar para a significativa degradação das condições do exercício da docência e suas implicações, nos processos de ensino e de aprendizagem.

Traduzidos como objetivos, nos propusemos compreender como na contemporaneidade, o mal-estar do professor universitário se faz tão presente no trabalho docente. Da mesma forma, reconhecer a trajetória profissional dos professores universitários na perspectiva da atividade docente, pensando sobre como, esse sentimento de insatisfação afeta a atividade docente na universidade.

Para que isso fosse possível, contamos com a colaboração de quatro sujeitos que atuam diretamente com a formação de futuros professores. Estas professoras, foram convidadas para um diálogo e uma experiência de troca, entre pesquisador e entrevistado. A partir destas narrativas, foi possível evidenciar importantes aspectos que foram constituindo o processo investigativo de nosso estudo.

Observamos na dimensão *trajetórias formativas*, que a influência familiar e, a inspiração e referência de educadores, constitui-se fator importante para a escolha profissional de ser e atuar, como professor. Da mesma forma, o contato com a educação básica antes de chegar à universidade, elucida elementos de diferentes espaços pedagógicos, que contribuem e implicam na relação com as práticas. Pois, coloca em destaque a importância da formação continuada e, em conjunto com a educação básica, uma vez que os docentes que atuam nas licenciaturas preparam os futuros professores que irão se inserir nas escolas.

Na dimensão, *atividades da docência* percebemos que se destacou as demandas que fazem parte da organização institucional e atravessam o trabalho pedagógico, implicando em diversas exigências burocráticas que distancia a profissão docente dos seus saberes e fazeres. Tais elementos, acarretam uma carga horária para além do previsto e registrado na página oficial da instituição, principalmente quando se trata de um professor iniciante.

Assim apresentamos o eixo transversal que permeia as duas dimensões e trata do mal-estar docente, indicando-nos que a solidão pedagógica é um fato na vida docente. A ausência de compartilhamento e de uma cultura de colaboração, também são evidentes. Além disso, as questões relativas à autoimagem e à autoestima, são importantes para que o impacto destes sentimentos não leve ao adoecimento dos professores e possa favorecer a qualidade de vida e bem-estar dentro da atividade docente.

Considerando as narrativas dos professores, acreditamos que incentivar e promover espaços, que possam desenvolver a autoestima, a autorrealização e a autoimagem, propiciam desfrutar de um contexto de valorização e reconhecimento. Logo, esse sentimento de bem-estar, de escuta e cuidado, vai refletir por consequência no seu contexto educacional, retroalimentando, motivando e potencializando, o ambiente de trabalho.

Ressaltamos que este estudo não é definitivo, mas sim, uma micro compreensão deste contexto. Sabemos que temos que ir além, refletindo sobre como a gestão pedagógica e quais são as políticas que preveem o acompanhamento da carreira docente, podem mitigar o adoecimento do professor. Tendo em vista, que conversamos com uma parcela restrita de professores e o tema, cada vez mais está presente nos estudos e nas pesquisas, sendo resgatado do século passado por conta da situação pandêmica, é fundamental ampliarmos estudos que sirvam de subsídio para qualificar e produzir uma ambiência colaborativa no seio das IES. Dessa forma, a trajetória de pesquisa aqui iniciada e desejo por continuar aprofundando o tema, fica registrado nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A. S.; CODO, W. Crise de identidade e sofrimento. In: **Educação: carinho e trabalho**. 2.ed. Petrópolis: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2000.

BOLZAN, Doris P. V. Docência e processos formativos: estudante e professores em contextos emergentes. **Projeto de pesquisa interinstitucional e integrado**, registro no GAP nº 042025, CNPq/PPGE/CE/UFSM, 2016.

BOLZAN, Doris P. V. Docência e processos formativos: estudantes e formadores em contextos emergentes. **Projeto de pesquisa interinstitucional e integrado**, registro no GAP nº 042025, CNPq/PPGE/CE/UFSM, 2021.

BOLZAN, Doris P. V. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos**. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

BORSOI, Izabel.C.S. **Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior**, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/49623/53726> . Acesso em 16 de março de 2020.

BRAUN, Jordana Rex. Professor Iniciante nas licenciaturas e os contextos emergentes: aprendizagem para/na docência. 2020. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2006.

CORSINI, Rodnei. Adeus docência. **Revista Educação**, ano 17, n. 195, p. 41-46, jul.2003.

ESTEVE, José.M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, SP, EDUSC. 1999.

FERNANDES, Ana Cristina F. da R.; FONSECA, Ana Paula M.; ROCHA, Fernanda F. A. **Profissão professor: um olhar sobre sua saúde**, 2017. ANAIS eletrônicos Programade Pós-graduação em Educação e Formação Humana Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica CentroFederal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-M

GOMÉZ, Angel I. P.. A função e a formação do professor/a no ensino para compreensão: diferentes perspectivas. In: SACRISTÁN, José Gimeno, GOMÉZ, Angel I.P. **Compreender e transformar o ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9. Ed – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época;v.14)

JESUS, Saul. N. de. **Bem-estar dos professores: estratégias para a realização e desenvolvimento profissional.** Porto: Porto Editora, 1998

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. Ed – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v.2)

MOROSINI, Marília et al. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária.** Porto Alegre:FAPERD/RIES, 2003.

NÓVOA, António. **O futuro da universidade: o maior risco é não arriscar.**

2019.Disponível em:

https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/21710/pdf_1.

Acessado em: 17 de março de 2020

NÓVOA, António. **O passado e o presente dos professores**. In: NÓVOA, A.(Org.) Profissão professor. Portugal: Porto Editora, 2 ed. 1999, p. 13-34.

ROSSATO, Ricardo. **Universidade brasileira: novos paradigmas institucionais emergentes**. (IN.) ISAIA, Silvia M. de A.; BOLZAN, Doris P. V.; MACIEL, Adriana M. da R. (Org) Qualidade da educação superior: a universidade como lugar de formação. PortoAlegre: EDIPUCRS, 2012.

SANTOS, Bettina S. dos; Stobäus, Claus D.; Mosquera, Juan J. M.; de Azeredo, Fabíola A. O mal-estar docente perante o uso das tecnologias de informação e comunicação. REICE. **Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación [en línea]**. 2005, [fecha de Consulta 18 de Março de 2020]. ISSN: Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=55130135>

SOUZA, Indira Rodrigues; SANTOS, Maria Evany Rodrigues; ALMEIDA, Ilda Neta Silva. Mal-estar docente: a saúde do professor nos dias atuais. **Revista Humanidades e Inovação**. V.4, n.2- 2016.

STOBÄUS, Claus D.; MOSQUERA, Juan José M.; STERENDOS, Bettina Santos. Grupo de Pesquisa mal-estar e bem-estar na docência. **Revista Educação**, outubro, 2007, pp. 259-272 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

TOLFO, Silvia Regina Basseto. Organização do trabalho escolar e o mal-estar dos professores: o desafio de integrar pessoas. (**Dissertação Mestrado**) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós- graduação em Políticas Públicas e Festão Educacional. Santa Maria- RS, 2017.

ZAMPIERI, Fabiana Lopes. Mal-estar docente no ensino das artes plásticas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. (**Dissertação Mestrado**) Santa Maria, PPGE, UFSM, 2002.

ZANINI Timm, Edgar; Mosquera, Juan José; Stobäus, Claus Resiliência: necessidade e possibilidade de problematização em contextos de docência. **Revista Educação**, vol.31, núm. 1, enero-abril, 2008, pp. 39-45 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil

ANEXOS
ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO¹⁴

Título do estudo: Mal-estar docente: um olhar sobre o professor universitário

Autora da pesquisa: Bibiana Passinato Piovesan

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Doris Pires Vargas Bolzan

Instituição/Departamento: UFSM/ Departamento de Metodologia do Ensino
(MEN)

Telefone e endereço postal completo: (55) 3220-8197. Avenida Roraima, 1000, prédio 16, sala 3336B, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria/ UFSM

Eu, Bibiana Passinato Piovesan responsável pela pesquisa Mal-estar docente: um olhar sobre o professor universitário, o convidamos a participar como voluntário (a) deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende desenvolver a busca e a compreensão como na contemporaneidade o mal-estar do professor universitário está cada vez mais presente. Ressaltando a possibilidade de poder pensar sobre o mal-estar docente e suas implicações no processo de aprendizagem, traz a necessidade de procurar respostas entre as narrativas dos professores, de modo a ter uma visão mais ampla dessa circunstância. Acreditamos que ela seja importante pelo significativo crescimento de sofrimento psíquico dos professores a nível de ensino superior e educação básica, contudo tendo foco no ensino superior.

Dado que estes profissionais são de grande importância e são agentes fundamentais nos processos de ensino-aprendizagem, entender de que forma este

¹⁴ Modelo compilado de acordo com o Comitê de Ética da UFSM. Disponível em : <http://jararaca.ufsm.br/websites/depe/download/8MTCLE.pdf>

mal-estar está afetando o trabalho pedagógico, faz com que se busquem alternativas para minimizar essas consequências. O estudo traz a possibilidade de uma investigação sobre o grupo de professores do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, onde se localiza a formação de futuros professores. O impacto do mal-estar docente dentro da iniciação à docência pode ser um fator para se ter atenção redobrada, pois os futuros docentes das redes públicas/ privadas seja na educação básica ou no ensino superior estão sendo formado agora e dentro da nossa universidade.

Para sua realização será feito o seguinte procedimento: através das narrativas dos sujeitos que o pesquisador vai explorar as ideias, percepções e concepções de mundo, trazendo em sua essência a significação, reflexão e a possibilidade de reviver sentimentos e momentos. Sua participação constará através de uma entrevista, com o intuito de reconhecer a trajetória profissional dos professores universitários e na intenção de conhecer outros contextos que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa. Quanto a abordagem metodológica, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa narrativa sociocultural. Assim, convidamo-lo (a) a participar da entrevista semiestruturada, a partir de tópicos-guia.

Comprometemo-nos a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Por isso, gostaríamos de ressaltar, que caso você desejar não participar mais desta pesquisa, não haverá qualquer ressentimento ou penalização. Assim, a participação neste trabalho não oferecerá riscos ou prejuízos ao participante.

O anonimato ao longo das entrevistas e análises será mantido e os dados e os resultados individuais estarão sempre sob sigilo ético, sendo utilizados somente pela autora e pela pesquisadora responsável. As informações serão utilizadas única e exclusivamente nesta pesquisa e nos trabalhos oriundos dela.

Qualquer dúvida ou esclarecimento, você terá a possibilidade de solicitar esclarecimentos com a autora, comprometendo-me em auxiliar em possíveis dúvidas, pelo contato (55)999215319.

ANEXO B

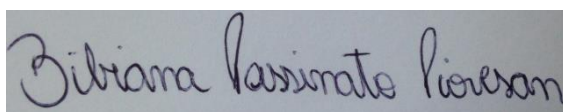
AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Eu, portador do RG: _____, concordo em participar desta pesquisa.

Assinatura do voluntário

DORIS PIRES VARGAS BOLZAN



BIBIANA PASSINATO PIOVESAN

Santa Maria ____ de _____ de 20 ____

ANEXO C

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO¹⁵

O abaixo assinado, compromete-se a manter sigilo em relação às informações consideradas confidenciais a que poderá ter acesso na qualidade de avaliador na defesa da (o) Trabalho de Conclusão Curso intitulado Mal-estar docente: um olhar sobre o professor universitário desenvolvido pela acadêmica Bibiana Passinato Piovesan, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM.

Por este termo, compromete-se:

1. A não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gera benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para uso de terceiros e a não repassar o conhecimento das Informações confidenciais, responsabilizando-se por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por seu intermédio;
2. A não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso relacionado à tecnologia apresentada na defesa acima mencionada;
3. A não se apropriar para si ou para outrem de material confidencial ou sigiloso que venha a ser disponibilizado através da defesa acima mencionada;
4. A não repassar o conhecimento das informações, por seu intermédio.

A obrigação de sigilo ora assumida não prevalece sobre informações que estejam sob domínio público antes da data de assinatura deste termo ou que se tornar pública pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial-INPI ou por instituto competente em âmbito internacional.

Neste termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

¹⁵Modelo compilado de acordo com o Comitê de Ética da UFSM. Disponível em : <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/espfisicomotora/gerais/termo-de-confidencialidade-e-sigilo-aprovado/>

1. “informação confidencial” significará toda informação revelada relacionada à tecnologia apresentada associada com a Avaliação sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios;

2. “informação confidencial” inclui, mas não se limita às informações relativas às operações, processos, planos ou intenções, informações sobre produção, instalações, equipamentos, segredos de negócio, segredos de fábrica, dados, habilidades especializadas, projetos, métodos, metodologia, fluxogramas, especificações, componentes, fórmulas, produtos, amostras, diagramas, desenhos, desenhos de esquema industrial, patentes, oportunidades de mercado e questões relativas a negócios revelados durante a defesa acima mencionada;

3. “avaliação” significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou com as partes, de alguma forma relacionada ou associada com a defesa acima mencionada.

Caso o receptor da informação descumpra quaisquer obrigações previstas no presente documento estará sujeito as implicações e sanções de cunho civil e criminal cabíveis.

E PARA TODOS OS EFEITOS, firma o presente termo na presença das testemunhas abaixo-assinados

Santa Maria, ____ de _____ 20 ____.

DORIS PIRES VARGAS BOLZAN

BIBIANA PASSINATO PIOVESAN

ANEXO D
CRONOGRAMA

ATIVIDADES	SEGUNDO SEMESTRE 2019	PRIMEIRO SEMESTRE 2020	SEGUNDO SEMESTRE 2020	PRIMEIRO SEMESTRE 2021	SEGUNDO SEMESTRE 2021	PRIMEIRO SEMESTRE 2022
Inserção temática para conhecimento dos trabalhos acerca do tema	X	X	X	X	X	
Escrita do projeto de TCC				X	X	X
Mapeamento dos professores do Centro de Educação-UFSM			X			

Encontros para orientação		X	X	X	X	X
Contato com professores para a realização das entrevistas				X		
Realização das entrevistas				X		
Transcrição das entrevistas e devolutiva para os participantes ratificarem os registros					X	
Interpretação preliminar dos dados recolhidos para						X

montagem dos procedimentos de análise						
Interpretação dos achados para o texto final						X
Elaboração do texto final						X
Defesa do trabalho de conclusão de curso						X

APÊNDICES
APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA DIURNO

Pesquisa elaborada para o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Mal-estar docente: um olhar sobre o professor universitário”, apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso A, da Universidade Federal de Santa Maria.

Acadêmica: Bibiana Passinato Piovesan

Data da entrevista: _/_/2020.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

- 1- Nome:
- 2- Cargo que ocupa:
- 3- Faixa etária:
- 4- Curso (s) nos quais atua:
- 5- Titulações:
- 6- Atividades que exerce dentro da universidade (gestão, pesquisa...)
- 7- E-mail:

TÓPICOS GUIAS:

Trajetória pessoal e profissional

Comentar como se tornou professor?

Como escolheu a docência?

O que o trouxe para a universidade?

Docência

O que é ser professor na universidade?

As demandas da atuação docente são compatíveis com o trabalho do professor?

Comente sobre a importância de espaços de diálogos o trabalho do professor.

O que é ensinar na Universidade? E aprender?

Mal-estar docente

O que é mal-estar na profissão?

Você já viveu situações de mal-estar no trabalho? Quais?

Você pensa em alguma forma para minimizar o mal-estar docente?

Você conhece ações desenvolvidas na UFSM para minimizar ou prevenir o mal-estar docente? Quem as promove e onde?

APÊNDICE B

Quadro 9- utilizado no processo interpretativo

DIMENSÃO CATEGORIAL TRAJETÓRIAS
<p data-bbox="667 416 1024 454" style="text-align: center;"><u>TRAJETÓRIA PESSOAL</u></p> <p data-bbox="240 488 1358 1733">É um caminho bem longo, eu tenho mais de 20 anos de atuação como docente. Eu comecei com o magistério no segundo grau e assim que eu saí do magistério, cumpri o período de estágio e ao mesmo tempo eu ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Então eu tinha jornada dupla, assim como muitas de vocês tem, eu atuava nas escolas de educação infantil e por ter digamos assim, a certificação do ensino médio no magistério isso conferia a licença para atuar na educação infantil e também nos anos iniciais, eu passei a trabalhar em escolas privadas. Eu trabalhava em um turno e fazia Pedagogia em outro, inclusive levei um pouco mais de tempo para me formar em função dessa jornada dupla, de estudo e de trabalho. Feito isso, logo em seguida concluí a graduação, continuei dando aula em escolas privadas e fiz concurso para a rede municipal de Santa Maria, fui aprovada e atuei um turno na rede privada e um turno na rede pública. Depois fiz outro concurso para a rede pública, fiquei atuando 40h na rede pública do município de Santa Maria, assumi funções de docência na Educação Infantil, fiquei 12 anos como docente na educação infantil e 20 horas eu fiquei lotada sempre na gestão. Primeiro fiquei enquanto coordenadora pedagógica, como vice-diretora, depois eu fiquei um período como orientadora Educacional e por fim, quando eu saí da sala de aula e assumi a gestão, a direção da escola. Concomitante a isso, em 2002, fiz seleção para mestrado na UFSM e fui investigar alguns campos formativos, das práticas pedagógicas, então a pesquisa veio sempre paralela ao meu processo profissional e também a minha formação acadêmica. Fiz mestrado atuando na gestão da escola e quando concluí fui convidada para trabalhar em uma instituição de ensino superior privada. Fiquei nessa instituição durante 10 anos, até as quintas-feiras trabalhava em Santa Maria depois me deslocava para outra cidade e trabalhava na sexta e no sábado com o curso de Pedagogia. Assumi depois disso, nesta mesma instituição, aqui em Santa Maria e retorno para o município, pois havia tirado uma licença. Então estava 30 horas no município, mais 20 horas na universidade. Foi então que veio o doutorado, entrou fortemente as políticas públicas na minha linha de pesquisa, fiquei 3 anos afastada do município estudando em Porto Alegre. Concluí o doutorado e retornei para o município, a instituição de ensino superior continuei sempre trabalhando (PROF. HORTÊNSIA)</p> <p data-bbox="240 1771 1358 1989">(...) eu sempre quis ser professora, sempre. Me lembro da infância e me vejo dando aula para os meus colegas, meus amigos ainda na infância, de forma muito precária enfim, mas esse desejo sempre existiu. Eu vejo hoje, rememorando que esse desejo também veio, surgiu muito em função de uma tia que era professora na época da minha infância que era o meu espelho. E veja só que significativo importante é esse que eu vou relatar a seguir, o que</p>

eu lembro dessa tia professora, era do diário de classe dela, um diário lindo. Ela tinha, sabe esses cadernos enormes de ata, esse era o diário dela e eu lembro de mim muito pequena sentada numa cadeira ao lado dela e ela escrevendo esse dia diário, pintando, desenhando, tinham muitas gravuras, isso me chamava muita atenção, era um diário muito colorido. Aquele diário para mim tinha vida, parecia que as coisas iam pular de dentro daquele diário, que aquelas palavras, aqueles desenhos iam falar comigo. Hoje, rememorando e eu falo para essa tia que hoje está na faixa dos 70 anos, ela foi a minha grande inspiração. Então, por isso que eu te digo, eu sempre quis ser professora, as lembranças que eu tenho são daí. Passado esse tempo da infância e eu fui crescendo e as coisas acontecendo, eu lembro que morávamos para fora e o acesso à escola era muito difícil, a minha mãe na época, uma pessoa muito simples que estudou só até a 5ª série e o grande desejo dela era ter sido professora de Matemática. Minha mãe era muito boa com números e ela nos alfabetizou antes de entrarmos na escola com aqueles, não sei se é do teu tempo, mas na época comprávamos os mantimentos no bolicho e eles eram enrolados em um papel cor de rosa e amarrados com um barbante. Esse papel cor de rosa, parecido com papel pardo, a mãe passava ferro porque eles amassavam e nesse papel minha mãe escrevia as letras. Então veja que fundo lindo, que significativo, as letras vinham de um mundo cor de rosa, de um mundo de magia como o lindo diário da minha tia, perceba que privilégio eu tive. O desejo da minha mãe não se concretizou, ela não conseguiu estudar, mas ela fez com que tanto eu como os meus irmãos tomassem esse desejo para nós e isso nos constituiu tanto que somos uma família de professores, eu e meus dois irmãos. Esse significativo de ser professor, vem de muito tempo (PROF. GIRASSOL)

Ser professora sempre foi algo muito presente em toda minha vida, desde criança eu convivi com essa profissão através da minha mãe, que foi professora de educação básica da rede pública. Ela dava aula na educação infantil, nos anos iniciais trabalhava também com letras, com anos finais, dava aula no magistério, então desde a minha infância eu convivi muito com essa profissão. Eu sempre tive vontade de ser professora também, isso sempre se constituiu junto com a minha personalidade, com a minha identidade então eu optei pelo curso de Pedagogia, muito envolvida com todas essas questões da educação. Na época, eu lembro que me envolvia tanto com aquilo que eu achava interessante, com atividades, trabalhos quanto com os processos de reivindicação também, viajava junto nos ônibus com as atividades do CPERS, íamos para Porto Alegre, na época nós morávamos em São Borja que é uma cidade bastante distante. Então, esse desejo de ser professora foi se constituindo junto comigo. (PROF. ORQUIDEA)

(...)porque eu fui professora em sala de aula da educação básica e lá eu era professora, não tinha que dar conta do sistema, era docente dona da minha sala de aula, chegava ficava às 4 horas com meus alunos, amando aquele trabalho como sempre amei e pronto. (PROF. LIRIO)

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A docência foi construindo esse meu caminho e vou te dizer que todas as minhas problematizações enquanto docente, sempre foram permeadas pelo caminho da pesquisa, primeiro na educação básica sobre as práticas pedagógicas, a gestão, o projeto político pedagógico. Na universidade que fiz meu doutorado, a pesquisa foi voltada para o ensino superior, também tencionando as práticas pedagógicas, a interlocução com as políticas públicas, como isso vem se construindo e como interfere na gestão pedagógica de cada instituição onde estamos, então a cultura institucional ela difere muito e impacta no trabalho do professor. (PROF. HORTÊNSIA)

Isso foram questões difíceis para mim, poder entender essa lógica de como funcionavam os cursos, a parte pedagógica, mas eu já estava credenciada no programa de pós graduação em Políticas Públicas. Ali nós temos um trabalho bem integrado, um grupo coeso, tentamos construir esse diálogo entre os professores, um planejamento participativo, eu me encontrei muito dentro desse programa, criei meu grupo de pesquisa, essa articulação com a educação básica por ser orientadora do mestrado profissional, porque são professores da educação básica que eu oriento. Isso para mim foi muito importante, esse vínculo com os meus colegas da rede, me trouxe um conforto, um diálogo constante, sempre tive muito claro quanto professora formadora a minha responsabilidade com a escola, onde eu me constituí docente, construí minha carreira, fiquei 23 anos atuando na escola, na periferia. Essa experiência me trouxe conhecimentos que nenhuma academia me traz e tenho muito orgulho, só vivendo isso para entender como é o cotidiano, as dificuldades e esperanças que se tem enquanto professora da educação básica. (PROF. HORTÊNSIA)

Bem crescida, crescida, crescida eu fui trabalhar como voluntária na Apae na minha cidade, tinha 16 anos e fiquei um ano lá, depois vim para Santa Maria fazer o curso de Educação Especial que era por esse caminho que eu queria ir. Finalizei a Educação Especial, vi que o curso faltava algo no sentido de que hoje eu sei disso, que eu não queria saber só da técnica, queria saber do sujeito aluno e não que tenha faltado no curso, talvez eu não tenha conseguido captar na época, então fui para a Psicologia. Porque pensava que a Psicologia me daria esse aporte teórico para entender o sujeito por trás da técnica. Finalizei a Psicologia e fiz mestrado, doutorado na área da educação porque o meu grande, falo de novo em desejo por ser o que me movimenta, aliar psicanálise e educação. Então hoje eu trabalho nessa área e é o link que eu faço, foi o que a Psicologia me deu, fora os subsídios que a Psicanálise nesse percurso dá a Psicologia, me ofereceu em termos de aporte teórico para ler esse estudante hoje, todo o processo de formação e essa é a minha área. Chegada na universidade, hoje eu posso transitar por essas duas áreas, mas sempre focando na educação, então essa é a trajetória de vida a quem eu sou muito grata. (PROF. GIRASSOL)

Pergunta difícil! (risos) Ser professor na universidade, pois é. Eu acho que ser professor na universidade é transmitir marcas, marcas simbólicas. Transmissão no sentido de formação de uma objetividade, como eu me vejo professora hoje, temos todo um aporte teórico com relação às disciplinas que ministramos, mas eu percebo que essa transmissão que eu falo, vai muito além do conhecimento, disso que a gente passa em termos de gritos e teoria.

Quando a gente consegue o aluno além disso, a gente tá falando de transmissão, porque transmissão é quando eu chego perto de alguém, a covid, por exemplo, como se transmite a covid hoje, se tu chegas perto. Então quando eu chego perto do meu aluno, falando em um sentido metafórico, eu estou transmitindo isso que é do meu desejo, o meu desejo é que ele aprenda. Tem um pesquisador que fala, e eu gosto muito disso que ele fala, que o aluno aprende porque capta no nosso olhar o brilho que a gente carrega, então o que faz o aluno aprender dentro das coisas é o brilho no nosso olhar. Ser professor para mim hoje, é poder participar da estruturação subjetiva desse aluno, não só transmitindo uma técnica, um conceito, porque essa transmissão é algo que perpassa um campo, que vai além da pedagogia, vai além desse campo da educação, é de um sujeito aprendente que a gente fala. (PROF. GIRASSOL)

Eu optei pelo curso de Pedagogia na Universidade Federal, Pedagogia Educação Infantil, na época tinham habilitações específicas diferente de como é hoje. O início do curso sempre é um pouco mais maçante, naquela época era extremamente teórico o início, mas depois eu fui me identificando e cada vez mais tendo certeza da profissão. Tão logo que entrei no curso de Pedagogia, eu já tracei minhas metas para pós-graduação, disse que queria continuar estudando, fazer mestrado, doutorado e seguir estudando. Fui muito incentivada pelos meus familiares, eu já conhecia todo o processo que envolve ser professora, os desafios da profissão e a questão da desvalorização sempre buscando uma situação melhor. Eu também atuei como docente na escola pública depois que me formei em pedagogia, no final da graduação comecei a participar de vários projetos de pesquisa, extensão o que me levou para o caminho da pós-graduação. Lembro-me que fui aprovada no mestrado, antes de receber o diploma da Pedagogia, soube dias antes da formatura que estava aprovada no mestrado. (PROF. ORQUIDEA)

Nesse meio tempo fui fazendo doutorado e exercendo a função de professora substituta, então isso foi caminhando muito junto comigo, essa vontade de ser professora Universitária, sendo que, as minhas primeiras experiências como professora substituta, foram muito enriquecedoras profissionalmente. Eu gostei muito dessas experiências, principalmente pelo fato de ter atuado em escolas tornando possível articular as experiências e dar exemplos cotidianos das situações que vivenciei com as crianças. Eu me sinto bastante feliz trabalhando com o ensino superior, considero que esse lugar que a gente ocupa de professora universitária em uma universidade pública, gratuita é um lugar que nós temos um papel social muito importante, eu valorizo muito o espaço público. (...)Então, penso que exercer essa função na universidade pública envolve muito você, e relaciona-se com uma outra pergunta, como que você vê esse processo de ensinar e aprender? É um processo que envolve muito conseguir trabalhar com dimensões críticas e reflexivas dos estudantes, esse espaço público permite o convívio com a diferença, com a diversidade e é algo que enriquece muito o trabalho, tanto do professor quanto dos processos educativos que ocorrem entre os próprios estudantes. (PROF. ORQUIDEA)

Eu sou graduada em Educação Especial, fiz na década de 90, fiz o curso de Especialização em Educação Infantil na UFN, depois eu fiz o mestrado e o

doutorado na UFSM. Junto com o doutorado, comecei uma nova graduação, porque o meu campo de atuação, ele se expandiu muito, teve uma demanda muito grande no âmbito nacional. O que aconteceu, eu sou educadora especial e atuava em uma escola aqui em Santa Maria de educação especial, porque quando eu fiz Educação Especial, no meu tempo existiam as habilitações. Eu fiz habilitação para surdos, me especializei na educação de surdos, fiz um concurso no ano 2000 e comecei a trabalhar nessa escola para surdos, sempre fui alfabetizadora de surdos e a língua de sinais perpassa, tu tens que ser fluente na língua para poder ministrar aula na escola bilíngue para surdos. A língua de sinais sempre foi um encantamento que eu tive, tanto é que fui para a área da surdez encantada com a língua(...) (PROF LIRIO)

Eu me tornei professora acredito que foi buscando a qualificação, desde a minha primeira graduação que foi na década de 90 em Educação Especial sempre procurei fazer cursos de formação, sempre estive voltada ao estudo, me qualificando e consigo olhar para essa trajetória e ver que assim que venho me formando, a minha formação contínua, ela permanece sempre, então sempre buscando essa qualificação profissional, nunca parado e estagnado. (PROF LIRIO)

DIMENSÃO CATEGORIAL ATIVIDADES DA DOCÊNCIA

Na verdade, quando nós prestamos o concurso dentro de uma universidade pública, temos o compromisso de trabalhar com o tripé do ensino, da pesquisa e da extensão, e além da docência que são atividades específicas de ensino também atuamos na gestão. (PROF. HORTÊNSIA)

Olha, eu acho que é compatível, porque eu tenho que ter uma carga horária na graduação, que são atividades de ensino e a atuação da pós graduação ou na gestão, é uma opção do professor, fazemos escolhas. Eu escolhi trabalhar com projetos de pesquisa, produzir e atuar nos programas de pós-graduação, para isso tenho que dar conta da minha produção científica, ter produtos qualizados, capítulos de livros, trabalhos técnicos, atualizar o Lattes, fazer relatório para a plataforma Sucupira para avaliar os programas de pós. Então, a gente como professores do ensino superior temos uma demanda muito grande de trabalho e o que tenciona são essas exigências que temos, principalmente na produção científica é uma exigência muito grande. (PROF. HORTÊNSIA)

A docência sempre, é como é uma instituição privada é sempre interessante dizer, que quando trabalhamos nessas intuições privadas somos professores horistas e quanto mais carga horária tu tens, mais encargos tu recebes consequentemente em termos financeiros é bom para o professor. Se tu olhares para o mal estar dentro disso, é muito grande, porque é um esgotamento físico, intelectual, imagina alguém trabalhar 30 como gestora e até mais 30 de ensino no outro período. A sala de aula é algo muito forte e traz um esgotamento muito forte, eu só diminuo um pouco a minha carga horária de ensino quando fui trabalhar como gestora na UFN, que quando você ocupa esse cargo tem 20h de gestão, mas as outras 20h é de ensino, de sala de aula, projetos, orientação de estágio. A atuação na rede privada de ensino superior é bem exaustiva. (PROF. HORTÊNSIA)

Sim, as demandas são enormes e chega uma hora que a exaustão toma conta, porque eu me vejo muitas vezes, me via antes e agora com essa situação que estamos vivendo mais ainda, cansada. Porque como as demandas são muitas a gente, agora em home office e antes também, não é só em função da pandemia, trabalhamos muito fora daquele horário que estamos na universidade. Então professor chega em casa e ele estuda, prepara sua aula, corrige TCC, tem artigos, revistas, enfim é uma demanda que tem vezes que nos esvazia e se a gente não tiver esse aluno do outro lado que nos devolve, nos retroalimenta com o seu movimento, com as suas questões, realmente nos sentimos doentes e esse é o grande perigo. Então cuidar dessa subjetividade do professor eu vejo também como sendo, deveria ser uma das preocupações da Universidade. Chega uma hora que é um rolo compressor, é muita coisa e esse professor acaba ficando esquecido por essa instituição, que às vezes também não consegue direcionar o olhar para questões psíquicas desse professor, então tem horas que a coisa pesa (PROF. GIRASSOL)

Esse espaço de diálogo eu o vejo como bastante diminuto, porque o que acontece, às vezes nós não encontramos os nossos colegas no turno em que estamos, essa já é uma dificuldade. Outra é que a universidade demanda muita produção da gente, então tá sempre correndo atrás, estudando, lendo porque tu precisas ter competência para permanecer nesse cargo, para ter a tua progressão dia e essa é uma realidade, isso que é da contemporaneidade que nos faz correr atrás muito disso, porque precisamos manter nossa carreira de nível e subir, ascender que essa coisa da escuta do outro, acaba ficando em segundo plano. Então às vezes não temos esse espaço, nem dentro do departamento, não porque talvez não queiramos, mas porque realmente as condições fazem com que a gente se ocupe de outras questões burocráticas, ligados ao próprio ensino, fazendo com que nos esqueçamos de nós mesmos. (PROF. GIRASSOL)

Ser professor na Universidade é um desafio constante, porque não é uma questão de você dar aulas, passar conteúdos, é buscar situações que mobilizem a reflexão, o pensamento, que possa ter uma articulação com as experiências de vida desses sujeitos. (PROF. ORQUIDEA)

Agora estamos enfrentando uma situação de controle absurdo, temos que mandar os planos de ensino antes de começar as aulas com vocês, tem que ser fiel ao que está na ementa, como eu estava falando para vocês na última aula que eu vou alterar a ementa é porque na medida que vai fazendo o processo educativo, vai vendo andamento da turma e vai analisando as opções de acordo com o processo. (PROF. ORQUIDEA)

No ensino superior a gente tem muitas demandas, tanto de ordem do ensino, quanto de ordem da pesquisa, da extensão. São uma série de coisas que nos exigem bastante e nem sempre a gente consegue dar conta de uma forma tranquila. Essa área que eu atuo, que a da Educação Infantil, é uma área que tem uma demanda muito grande de orientações de estágio, além das disciplinas teórico/práticas de metodologia. Isso consome muita a gente, principalmente porque a carga horária prevista no PPP e a carga horária que

conta para gente numa orientação de estágio, é muito pequena, ela não é o real, não é o que de fato a gente ocupa para realizar uma orientação e realizar uma supervisão de estágio. (PROF. ORQUIDEA)

Logo que você está iniciando esse trabalho universitário como eu estou começando completando 5 anos de Universidade, incluindo o tempo de substituta, tem muitas coisas que você tem dúvidas, sobre a maneira como você está procedendo se é correto, seja no procedimento das suas aulas, na condição do trabalho, seja até mesmo para resolver alguma situação que surge em sala de aula, tantas coisas surgem que a gente nem imagina que possam acontecer, que ia passar por isto. Eu sinto falta desse espaço que acontece um diálogo maior e não é que as minhas colegas não tenham disponibilidade, é que não é rotineiro que aconteça isso. (PROF. ORQUIDEA)

Eu lembro que quando iniciei como substituta tinha um absurdo de disciplinas para ministrar e alguns professores que eu recorri me ajudaram, me passava alguns materiais, mas a maioria das vezes é um trabalho solitário, sabe, você não tem um grupo para compartilhar, para conversar. Eu acredito que tive situação de mal-estar nesse período que eu comentei por receber críticas envolvendo uma das primeiras turmas que eu trabalhei didática. (PROF. ORQUIDEA)

Tenho o grupo de pesquisa também, fora as comissões que temos que participar e assim, tem sido bastante exaustivo esse meu início na universidade, porque infelizmente, não sei se é uma característica do nosso departamento, falam brincando, mas os professores novos que chegam enfrentam uma espécie de batismo, com o acúmulo de disciplinas que é algo fora do sério. Quando eu assumi como efetiva, tive que ministrar uma quantidade expressiva de disciplinas, inclusive, que não faziam parte do meu concurso, porque acabaram acumulando e passando tudo para o professor novo. Como você recém começou, está muito feliz e muito agradecido por ter conseguido entrado naquele espaço, você dá conta. Depois, aos pouquinhos, com o tempo você vai conquistando seu espaço e as coisas vão melhorando um pouco, mas essa demanda de trabalho grande a gente enfrenta como área de Educação Infantil. (PROF. ORQUIDEA)

Eu atuo em todo universo da UFSM, em todos os cursos de bacharelado e nos cursos de licenciatura, os cursos do universo da instituição em determinado semestre eu atuo. (...)Então eu consigo atuar em diferentes campos, o que eu acho que é muito bom para mim e me traz muita saúde para o meu trabalho docente, poder transitar tanto nos diferentes cursos de licenciatura, assim como também nos cursos de bacharelado. (PROF. LIRIO)

A minha formação ela começou na década de 90 e digamos que ela continua, porque agora querendo ou não na UFSM, a gente assume diferentes lugares como o docente, "AH eu fiz um concurso para ser docente", eu sou docente, mas participo de comissões, da gestão, tenho atividade de pesquisa e de extensão. É outra demanda e estou sempre aprendendo também, agora eu estou aprendendo a ser coordenação de curso, sendo que isso também faz parte do meu trabalho docente, da minha docência, não existe algo que eu

diga que não vou fazer porque isso não faz parte das minhas atribuições, está lá é ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão. (PROF LIRIO)

Ser professor na universidade é um campo tão grande, como te falei antes, é ter consciência que tu precisas atuar no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão, assumir determinadas atividades, tarefas, comissões, transitar um pouco nas questões de legislação, então essas comissões tomam muito da gente. Então, ser professor na universidade é ter essa consciência dessa amplitude que é a minha ação, minha tarefa profissional em função de que ela não se reduz na sala de aula, ela também é sala de aula e tem que dar conta de um universo maior e para além disso, quando eu tenho atividades desde algumas comissões, tenho que participar dessas comissões, desenvolver atividades de gestão, isso faz parte do meu trabalho, da minha atuação como professora da UFSM. (PROF LIRIO)

Na universidade não, tem coisas que não são compatíveis, não agregam em nada na minha sala de aula, em nada no meu campo do saber, que às vezes até fico pensando “ah, me desvia”, inclusive faz isso porque toma meu tempo, eu não consigo ficar lendo o que gostaria de ler, estudando, fazendo planejamento, organizando didáticas, dinâmicas de sala de aula e não consigo fazer isso, porque tenho que desenvolver uma atividade profissional que é para além disso. Todos esses lugares que vamos assumindo dentro da universidade como professor, não é algo compatível com meu trabalho, porque o meu trabalho como professor na UFSM é mais amplo, tem mais demanda. (PROF LIRIO)

Esse movimento de ensinar e aprender dentro da universidade, dentro da docência como te falei agora também na questão da gestão, me coloco como alguém que está aprendendo, precisa aprender porque não sei todos os trâmites, preciso do apoio da secretaria, de quem já atua como coordenador do curso para compartilhar experiências e a coletividade ela nos dá vida, é essencial tanto para as ações da docência como também para as ações de gestão, é base dentro da instituição. (PROF LIRIO)

EIXO TRANSVERSAL MAL ESTAR

Para mim, mal estar é justamente quando se tem um clima de divergências com os teus colegas, não no campo epistemológico, mas diante de questões que tem a ver com um certo empoderamento das pessoas e isso me incomoda muito em relação a questão do mal estar. Muitas vezes essa sobrecarga de trabalho, que temos os prazos para cumprir e em relação a pandemia, isso tem me gerado um mal estar grande, por ter ficado diante das telas muito tempo, isso deixa a gente exaurida. Temos as atividades de ensino, pesquisa, os prazos a serem cumpridos, TCC's, monografias, dissertações... ficamos ilhados, no nosso mundinho quadrado do computador, do escritório, estamos vivendo em um momento atípico. Em relação a minha vida toda pregressa de docente, o mal estar geralmente circunda nesse sentido, muitas vezes é essa falta de diálogo entre os colegas, clima pesado, a mistura do pessoal com profissional, para mim isso é extremamente cansativo. (PROF. HORTÉNSIA)

É, o mal estar nem vem conscientemente, mas vem pra cá (aponta para o rosto, mandíbula) e eu saio destruída, daquelas reuniões que começam com horário certo e não tem hora pra acabar, não sai com nada definido. (...). To até me contradizendo, disse que procuro ficar mais alheia, até consigo, mas minha mandíbula não, ela responde. (risos) (PROF. HORTÊNSIA)

No centro de educação não tem algo específico para esse tipo de coisa, esse acolhimento, se tu veres antes da pandemia eles construíram uma sala de convivência para os professores, porque chegamos na universidade e cada um vai para a sua sala, nos encontramos somente nessas reuniões. Não temos esse espaço para conversar sobre outras coisas, aquele momento mais descontraído entre os colegas, quando eu estava na privada os alunos tinham intervalo porque as aulas eram à noite, então nós saímos da sala de aula nesse intervalo e iam para essa sala de convivência, lá tinha café, conversamos, o que aqui não tem isso, cada um vai para a sua sala e convive só com os colegas que ficam na mesma sala que você e os demais tu não convives. Sei que a gestão tentou fazer isso, mas está tão forte na cultura que o pessoal não vai, fica cada um no seu quadrado. (PROF. HORTÊNSIA)

Então, eu vim para a federal nesse sentido, fazem uns 5 anos, foi bem difícil para mim porque apesar de ser filha daqui o retorno para essa instituição como docente, pertencendo a um departamento, existe de início o distanciamento de alguns colegas, vivemos mais nas caixinhas diferente da rede privada, onde eu trabalhava muito, mas nós tínhamos uma unidade enquanto curso. O que para mim dificultou aqui são os departamentos, porque não existe os professores da Pedagogia, existe os professores do ADE, do MEN, do FUE, tu não tens essa unidade onde eu trabalhava com planejamento interdisciplinar e lugar que tu conseguias dialogar com os professores de outros departamentos era nas PED's, onde uns se comprometiam mais do que outros. (PROF. HORTÊNSIA)

Agora tu me trouxeste uma coisa que eu não havia pensado, tu fizeste a pergunta de mal estar e eu fiquei pensando. Eu tenho algo que um mal estar presente e muito forte, isso eu carrego a muito tempo. Eu tenho tensão mandibular, então qualquer coisa que eu fico estressada, tudo sobrecarrega a minha mandíbula e já fiz vários tratamentos, mas é bem psicológico. Pode saber, quando eu fico estressada, que eu vou para uma reunião que não ata e nem desata, saio demolida da reunião, dói a cabeça, os dentes. Pra ti ter ideia já tive 3 fraturas de dentes por causa dessa tensão mandibular, que é devido todo o mal-estar que eu vivo, tanto no profissional quanto no pessoal, já fraturei dentes inteiros, tenho que usar direto placa. Antes de entrar no período pandêmico eu ia ser objeto de estudo da Odonto, me inscrevi no projeto para entrar no projeto de tensão mandibular de tanto que isso assola minha vida. (PROF. HORTÊNSIA)

porque eu não sei trabalhar sozinha, trabalho com grupos e eu tenho o grupo de pesquisa onde nós nos solidarizamos muito uns com os outros, existe uma solidariedade também que é científica, o que faz com que produzimos em conjunto. Então, não tenho dificuldade de dar conta dessas necessidades de

produção científica porque as pesquisas são feitas em conjunto e eu as oriento, consequentemente a produção vem. (PROF. HORTÊNSIA)

Então cuidar dessa subjetividade do professor eu vejo também como sendo, deveria ser uma das preocupações da Universidade. Chega uma hora que é um rolo compressor, é muita coisa e esse professor acaba ficando esquecido por essa instituição, que às vezes também não consegue direcionar o olhar para questões psíquicas desse professor, então tem horas que a coisa pesa (PROF. GIRASSOL)

Claro, que tu sempre tem assim um colega mais chegado, um amigo com quem que vai conversar mais, mas hoje o que eu percebo, eu adoraria que houvesse na universidade, no departamento, não sei, um espaço de escuta para o professor, eu chamaria até de um espaço de conversação, quando é que essa palavra pudesse circular e que cada um de nós, quando escutamos esse outro é de nós que ele fala, então esse momento de escuta, de conversação o que acontece, eu consigo fazer um giro nessa minha posição de queixa e passa a ouvir esse outro quando. Como esse giro, eu abro as minhas questões também e passo a me enxergar, então esse momento de conversação, de escuta, seria um momento terapêutico para os professores, mas é algo que eu sei que depende de um horário, que as pessoas precisam se encontrar. Eu penso que tem coisas que vai muito além, como eu já disse, do conhecimento, é algo que vem pelo viés da elaboração. O que eu quero dizer, se eu estou sofrendo, se tá difícil pra mim eu posso pegar um livro que fala de mal estar contemporâneo, que fala de mal estar na educação, é uma teoria, isso me ajuda, esclarece, mas isso fica no outro campo, que é do conhecimento mesmo. Eu vejo que para o professor conseguir se estruturar nesse meio com mais saúde mental, o interessante seria que pudéssemos elaborar essas questões e como que a gente elabora uma questão, quando a gente pode falar dela, porque daí eu me identifico nessa fala, eu escuto o que o outro diz e isso retorna para mim, esse outro passa a ser um espelho para mim também, isso tudo me ajuda nas minhas questões que são cíclicas. Então eu penso que um espaço de escuta, de conversação na universidade seria bem legal e os professores poderiam então sentar em uma roda e através de uma escuta a gente poder falar de questões, que são próprias e que acabam sendo de todos, mas não elaborar essas questões eu sei que é algo que se não for feito, adocece. E a gente sabe disso no cotidiano, quando temos algo que nos faz sofrer muito e que não falamos disso, isso se somatiza e vai para algum lugar do corpo, então quando a gente pode abrir essas questões, nessa escuta a gente ouve melhor o que é uma queixa e que daqui a pouco não é só minha, é do outro também. E então tu pensas, poxa ele também sofre como eu, isso nos ajuda muito. (PROF. GIRASSOL)

Mal estar... acho que é um conjunto, são consequências psíquicas que essa profissão acaba reunindo, vindas então de um campo que é social, quando a gente diz que a sociedade impõe que sejamos professores competentes, questões políticas, sabemos muito bem disso, de políticas quando a gente diz de um governo que tem políticas de formação de professores. São questões que se unem tanto questões sociais, quanto

políticas, quanto psíquicas a união disso tudo faz com que adoecemos. Então isso para mim é mal estar, esse conjunto de coisas. (PROF. GIRASSOL)

Tu sabes Bibiana que eu posso falar muito desse momento, até então eu não tinha sentido esse stress, aliás isso dá uma outra pesquisa, sobre o mal estar docente em tempos de pandemia. Eu não tinha sentido e agora tem momentos que eu me pego assim. Hoje tem muitas vezes que eu me sinto extremamente angustiada, por estar ministrando minhas aulas em uma tela, muitas vezes não conseguir o retorno do aluno porque não fomos aparelhados para isso, minha internet não é boa, a do meu aluno cai. Então tem vezes que eu me sinto angustiada por isso e me pergunto se estou conseguindo transmitir o que eu falo, se eles estão conseguindo aprender, captar o que eu estou falando e isso tem me angustiado bastante. Eu tenho conversado com meus alunos a respeito disso também, até para ouvir deles se isso é um sentimento deles também e tem me ajudado no sentido de falar o que eu sinto e ouvir deles. Então vou te dizer assim, que nesse momento essa angústia já tomou outros níveis, agora estou conseguindo me acalmar mais porque tenho dialogado muito com uma amiga que também é da área, nesse momento eu vejo a importância da fala e dessa troca do olhar. Quando eu olho pra ti aqui na tela e vejo que teu olho brilha, isso me ajuda muito, me devolve essa identidade de professor que nesse percurso todo às vezes fica a dúvida, isso balança, mas então “quem eu sou, sou essa professora através de uma tela”, não eu quero contato, sou um ser de relações, preciso olhar, tocar, sentir esse aluno. Se eu pudesse hoje dirigir um sentimento seria esse, de angústia que por vezes me leva a pensar em uma despersonalização enquanto professor. Claro, sempre de olho nesse sentimento, cuidando e daqui a pouco se precisar ajudar vou pedir. (PROF. GIRASSOL)

Não, eu não havia me deparado com esse sentimento antes, mas esse momento que estamos muito reclusos, em que nossa vida se misturou com nosso trabalho, estamos dentro de casa e tem muitas atividades em casa também, a gente pensa as nossas aulas e também está trabalhando, fazendo coisas aqui, que antes eu tinha alguém que fazia para mim e me ajudava, hoje não mais ou menos. Então eu posso dizer que esse contexto da pandemia intensificou esse sentimento. (PROF. GIRASSOL)

Você sabe que isso é uma coisa que eu sentia muita falta na Universidade e até comentava com algumas pessoas. Como eu tive essa experiência da escola pública, estava acostumada a me reunir com meus colegas para conversar, nos reunimos na entrada, na sala dos professores, no recreio, na saída, tínhamos reuniões com todos os professores. Esse já é um processo diferente na universidade, não é que você não encontra as pessoas, você encontra, mas os espaços para isso são muito diferentes. Como eu vou dizer isso, eu tenho a impressão que é uma trajetória um pouco mais solitária ser professor universitário. (PROF. ORQUIDEA)

Mas, ter mais espaços para o diálogo, realmente é uma coisa que eu sinto falta desde que eu entrei na UFSM, até comentava com meus colegas brincando que sentia falta da sala dos professores, porque é um espaço que

acontecem muitas coisas, claro, mas você enxerga as pessoas, socializa, comenta e na universidade é cada um mais na sua. (PROF. ORQUIDEA)

Acredito que sim, acho que já vi várias situações, algumas mais impactantes, outras menos. Principalmente nesse início, nesse começo que eu te falei, que, às vezes, é um tanto complicado e a gente se sente um pouco solitária. Eu lembro que quando iniciei como substituta tinha um absurdo de disciplinas para ministrar e alguns professores que eu recorri me ajudaram, me passava alguns materiais, mas a maioria das vezes é um trabalho solitário, sabe, você não tem um grupo para compartilhar, para conversar. Eu acredito que tive situação de mal-estar nesse período que eu comentei por receber críticas envolvendo uma das primeiras turmas que eu trabalhei didática. (PROF. ORQUIDEA)

Então, eu lembro que isso na época me causou um grande mal-estar, porque eu estava iniciando a minha profissão como professora universitária, ainda como professora substituta, e os alunos também estavam em fase inicial da formação, a didática eu acho que era no quarto semestre, eles também não sabiam muito bem como agir em relação a isso. Foi uma crítica teórica, em função das minhas opções teóricas e também metodológica, porque eu expus em forma do painel, lembro que nessa época eu fiquei muito impactada com esse tipo de crítica. Atualmente, eu acho que o que causa bastante mal-estar é esse momento político que nós estamos vivendo, ano passado, retrasado que estávamos no presencial foi super difícil de dar aulas, a gente sentia coagido em muitos momentos, tinha aquela desconfiança que alguns alunos estavam filmando, eu passei por isso em uma das aulas, uma aluna filmou toda a minha aula e outro colega avisou, eu me senti mal com o que estava acontecendo. (...é uma situação política tão complicada e isso vem uma onda tão forte contra à universidade pública que a gente se sente mal. ...) (PROF. ORQUIDEA)

Então, você se sente muito amarrado, tu vais traçar um roteiro e tu tem que seguir aquele roteiro que você pensou lá no início seguir até o final, estamos sofrendo muito controle das nossas ações e propriamente da comunidade em geral, tendo muitas críticas em função da atual circunstância política e isso também gera um mal estar na gente. De uma forma mais específica, fiquei pensando quando eu li o teu roteiro da entrevista, tem algumas coisas que eu já vivenciei ali na universidade, que também podem dar mal estar alguns momentos, uma delas é o que mencionei antes, esse excesso da carga horária que a demanda real não condiz, não é compatível com a carga horária que é lançada para gente, é uma demanda muito maior. (PROF. ORQUIDEA)

Depende a origem do mal-estar, coisas que eu falei como as questões políticas que são maiores, é difícil da gente conseguir minimizar, mas tem outras soluções mais específicas que ajudariam sim, como, por exemplo, o espaço para descanso e para alimentação. (PROF. ORQUIDEA)

Sabe que eu vejo eu vejo às vezes na minha convivência, alguns colegas que vivem esse mal-estar e tem alguns que adoecem, que ficam completamente doentes. Tem uma colega da instituição, ela não é professora,

é intérprete de libras, como trânsito na área acabo convivendo com os intérpretes, com os surdos, tem uma menina que ela não se vê como intérprete, então ela sofre, adoeceu, está em depressão, está afastada, eu acho que ela não consegue perceber que o que está adoecendo ela é a própria profissão. Penso que precisamos ser muito seletivos em determinadas questões e eu tento ser para não adoecer, porque senão ficamos doentes mesmo. É muito difícil encontrar um equilíbrio para que a gente não viva esse mal estar docente, não significa que ele não aconteça de vez em quando, eventualmente, acontece, mas aquilo não pode perdurar, aquele sentimento de insatisfação (PROF LIRIO)

(...)tem as situações que pode me causar algum mal estar, por exemplo, existem algumas comissões, que o trabalho daquela comissão não me deixa feliz, eu não gosto de fazer aquele trabalho, eu sinto dor quando chamam para reunião, quando tem que decidir, avaliar determinadas coisas sabe e que simplesmente eu não gosto daquele papel, daquele trabalho. (...)quando eu tenho que ajudar a pensar sobre a vida acadêmica dos alunos, isso me alimenta isso, eu gosto muito de fazer, então tem algumas ações, atividades, tarefas que eu preferia não fazer, porque elas não me dão esse alimento que eu te falei, de movimento, de vida. Tem coisas que não são boas para mim, então eu tenho que ser seletiva ao máximo, eu tenho essa consciência de que eu não gosto, não me faz bem, mas eu preciso fazer, entende que não é sempre, esse trabalho também faz parte da minha tarefa, do meu trabalho. (PROF LIRIO)

A questão do mal-estar docente da docência mesmo, eu já senti sintomas no meu corpo, sentia dores. No semestre passado eu senti muita dor, uma dor no pescoço, dentro sabe, fiquei preocupado achei que ia ter que ir no pronto-atendimento, não sabia o que estava acontecendo comigo, aquilo estava me incomodando e era em plena pandemia, pensava “eu não quero ficar doente”, ninguém queria (...)então percebi que era do que da minha exaustão corrigindo trabalhos dos alunos, porque em função do trabalho remoto, o que acontece, eu faço uma demanda de atividades para os alunos que é a produção em vídeo, eles têm que produzir em libras, faço a análise, a avaliação de cada vídeo, das questões da minha área, da linguística e começava 7 horas da manhã e trabalhava até às 11 horas da noite. Eu comia na frente do computador, sentia sede porque não conseguia ir ali na cozinha pegar uma água para não perder tempo. Aquilo vai aparecendo em forma de dor, depois de ter passado isso percebi que aquela dor que eu sentia era de exaustão. Então à docência, ela também causa isso, causa uma exaustão, não que eu estava me sentindo incomodada de corrigir, não é isso, é pela exaustão do número de horas de trabalho, fazendo aquilo o dia inteiro e aquela sensação de culpa, por não conseguir concluir as avaliações, ter trabalho acumulado, dos alunos estarem esperando o feedback das avaliações e eu não conseguir fazer as avaliações como gostaria de fazer em tempo hábil, de não conseguir fazer um parecer descritivo para cada um dos alunos. (...) (PROF LIRIO)

Todo esse mal estar, essas sensações, emoções que fizeram com que eu me sinta mal naquele período, elas vieram para o meu corpo somatizadas em forma de dor, sentia dor no pescoço, nos braços sinto muita dor e não sei o que é, pode ser falta de atividade física que não faço mais. Eu fico só na

frente do computador, todo o tempo trabalhando, não tenho mais um tempo para mim, essa dor nos braços pode ser estresse, falta de uma atividade física e pode ser algo somatizado, algo que meu corpo esteja desenvolvendo e eu não saiba, mas acho que tem relação com meu trabalho, tenho certeza disso. Porque pensa bem, o dia inteiro na frente do computador, não saio de dentro de casa para nada, não vou nem no supermercado, é tudo por aplicativo, tu não vais em lugar algum porque simplesmente estou em casa, em distanciamento social, não saio de dentro da minha casa. Fico trabalhando o tempo todo, não tirei férias e não estou em férias, meu marido está em casa em férias, fica fazendo comida, me trazendo lanche, essas coisas porque não saio daqui. Não sei se essa dor tem alguma relação com tudo isso que eu estou vivendo no meu trabalho ou não, então eu marquei médico para próxima semana para tentar descobrir o que é isso, o que é essa dor. (PROF LIRIO)

(...)como vou assistir um filme com tanto trabalho acumulado, acaba que tu te sente culpada. Eu deveria estar corrigindo os trabalhos, dando feedback para os alunos, analisando um processo do CEP, ajudando a equipe da CLM para pensar o calendário letivo do próximo semestre e estou olhando filme, não dá. (PROF LIRIO)

Essa reorganização do próprio ambiente de trabalho é um lugar que nos causa também estresse, é algo que incomoda porque eu não queria estar no espaço da churrasqueira participando de uma reunião, queria dentro do escritório, mas eu não podia porque minha filha precisava desse lugar para fazer uma prova da escola, tudo isso também vai nos incomodando, vai nos deixando ansiosa. Eu fico ansiosa, me desloca essas emoções de ansiedade, de stress, de nervosismo, tudo isso nesse trabalho remoto, tem nos abalado nesse sentido da organização física e a demanda do trabalho triplicou. (PROF LIRIO)

APÊNDICE C

Quadro 10 – desdobramentos dos tópicos guias utilizados para orientar as entrevistas.

<p>TRAJETÓRIA PROFISSIONAL</p> <p>PESSOAL</p> <p>E</p>	<p>Comentar como se tornou professor? Como escolheu a docência? O que o trouxe para a universidade?</p>
<p>DOCÊNCIA</p>	<p>O que é ser professor na universidade? As demandas da atuação docente são compatíveis com o trabalho do professor? Comente sobre a importância de espaços de diálogos o trabalho do professor. O que é ensinar na Universidade? E aprender?</p>
<p>MAL- ESTAR DOCENTE</p>	<p>O que é mal-estar na profissão? Você já viveu situações de mal-estar no trabalho? Quais? Você pensa em alguma forma para minimizar o mal-estar docente? Você conhece ações desenvolvidas na UFSM para minimizar ou prevenir o mal-estar docente? Quem as promove e onde?</p>

Fonte: elaborado pela autora, a partir da organização das entrevistas.